

ILUSTRAÇÃO



BOLACHAS

A GRANDE
M A R C A
P O R T U G U E S A

Variadas e
saborosíssimas
qualidades

UM UNICO FABRICO
O MELHOR

NACIONAL



GRACA E ESBELTEZA

Elegância e harmonia dos movimentos
Frescura e macieza da epiderme
Encanto e vigor da juventude
É o sonho de toda a mulher moderna
que ela realiza sem
tratamento fasti-
dioso, sem incomodo,
sem perda de tempo,
com asseio e com
pouca despeza por

" SUDOREX "

" SUDOREX "

aparelho portatil de
BANHOS DE VA.
POR EM CASA

será para as senhoras
o complemento indis-
pensavel da sua cura
de beleza. Desemba-
raçando-as de gordu-
ra inutil, suprimirá to-
das as indisposições.

ABSOLUTAMENTE INFALIVEL EM
TODOS OS CASOS DE OBESIDADE

Reumatismos, artritismos, gôta, sciatica, nevralgias, rins, figado, intestinos, etc.



MÉTODO
das
BELEZAS
ANTIGAS

THERMAS



MÉTODO
das
ELEGANTES
MODERNAS

SUDOREX

A VENDA
em todas as FARMACIAS E
GRANDES ARMAZENS
SUDOREX
122 Rue de La Boétie - PARIS (6)
Brochura n.º 507 gratis por pedidos

SUDOREX BANHOS
DE VAPOR

As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- | | | |
|--|---|--|
| <p>1—DA TERRA À LUA, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.</p> <p>2—A RODA DA LUA, 1 vol.</p> <p>3—A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS, 1 vol.</p> <p>AVENTURAS DO CAPITÃO HAT-TERAS:</p> <p>4—1.^a parte—<i>Os ingleses no Polo Norte</i>. 1 vol.</p> <p>5—2.^a parte—<i>O deserto de gelo</i>. 1 vol.</p> <p>6—CINCO SEMANAS EM BALÃO, 1 vol.</p> <p>7—AVENTURAS DE TRÊS RUSSOS E TRÊS INGLESES, 1 vol.</p> <p>8—VIAGEM AO CENTRO DA TERRA, 1 vol.</p> <p>OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:</p> <p>9—1.^a parte—<i>América do Sul</i>. 1 vol.</p> <p>10—2.^a parte—<i>Austrália Meridional</i>. 1 vol.</p> <p>11—3.^a parte—<i>Oceano Pacífico</i>. 1 vol.</p> <p>VINTE MIL LÉGUAS SUBMARI-NAS:</p> <p>12—1.^a parte—<i>O homem das águas</i>. 1 vol.</p> <p>13—2.^a parte—<i>O fundo do mar</i>. 1 vol.</p> <p>A ILHA MISTERIOSA:</p> <p>14—1.^a parte—<i>Os naufragos do ar</i>. 1 vol.</p> <p>15—2.^a parte—<i>O abandonado</i>. 1 vol.</p> <p>16—3.^a parte—<i>O segredo da ilha</i>. 1 vol.</p> <p>MIGUEL STROGOFF:</p> <p>17—1.^a parte—<i>O correio do Czar</i>. 1 vol.</p> <p>18—2.^a parte—<i>A invasão</i>. 1 vol.</p> <p>O PAÍS DAS PELES:</p> <p>19—1.^a parte—<i>O eclipse de 1860</i>. 1 vol.</p> <p>20—2.^a parte—<i>A ilha errante</i>. 1 vol.</p> <p>21—UMA CIDADE FLUTUANTE, 1 vol.</p> <p>22—AS INDIAS NEGRAS, 1 vol.</p> <p>HEITOR SERVADAC:</p> <p>23—1.^a parte—<i>O cataclismo cósmico</i>. 1 vol.</p> <p>24—2.^a parte—<i>Os habitantes do cometa</i>. 1 vol.</p> <p>25—O DOUTOR OX, 1 vol.</p> <p>UM HERÓI DE QUINZE ANOS:</p> <p>26—1.^a parte—<i>A viagem fatal</i>. 1 vol.</p> <p>27—2.^a parte—<i>Na África</i>. 1 vol.</p> | <p>28—A GALERA CHANCELLOR, 1 vol.</p> <p>29—OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN, 1 vol.</p> <p>30—ATRIBUIÇÕES DE UM CHINÊS NA CHINA, 1 vol.</p> <p>A CASA A VAPOR:</p> <p>31—1.^a parte—<i>A chama errante</i>. 1 vol.</p> <p>32—2.^a parte—<i>A ressuscitada</i>. 1 vol.</p> <p>A JANGADA:</p> <p>33—1.^a parte—<i>O segredo terrível</i>. 1 vol.</p> <p>34—2.^a parte—<i>A justificação</i>. 1 vol.</p> <p>AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:</p> <p>35—1.^a parte—<i>A descoberta da terra</i>. 1.^o vol.</p> <p>36—1.^a parte—<i>A descoberta da terra</i>. 2.^o vol.</p> <p>37—2.^a parte—<i>Os navegadores do século XVIII</i>. 1.^o vol.</p> <p>38—2.^a parte—<i>Os navegadores do século XVIII</i>. 2.^o vol.</p> <p>39—3.^a parte—<i>Os exploradores do século XIX</i>. 1.^o vol.</p> <p>40—3.^a parte—<i>Os exploradores do século XIX</i>. 2.^o vol.</p> <p>41—A ESCOLA DOS ROBINSONS, 1 vol.</p> <p>42—O RAIOS VERDE, 1 vol.</p> <p>KERABAN, O CABEÇUDO:</p> <p>43—1.^a parte—<i>De Constantinopla a Scutari</i>.</p> <p>44—2.^a parte—<i>O regresso</i>. 1 vol.</p> <p>45—A ESTRELA DO SUL, 1 vol.</p> <p>46—OS PIRATAS DO ARQUIPELAGO, 1 vol.</p> <p>MATIAS SANDORFF:</p> <p>47—1.^a parte—<i>O pombo correio</i>. 1 vol.</p> <p>48—2.^a parte—<i>Cabo Matifoux</i>. 1 vol.</p> <p>49—3.^a parte—<i>O passado e o presente</i>. 1 vol.</p> <p>50—O NAUFRAGO DO «CYNTHIA», 1 vol.</p> <p>51—O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672, 1 vol.</p> <p>52—ROBUR, O CONQUISTADOR, 1 vol.</p> <p>NORTE CONTRA SUL:</p> <p>53—1.^a parte—<i>O ódio de Texar</i>. 1 vol.</p> <p>54—2.^a parte—<i>Justiça!</i> 1 vol.</p> | <p>55—O CAMINHO DA FRANÇA, 1 vol.</p> <p>DOIS ANOS DE FÉRIAS:</p> <p>56—1.^a parte—<i>A escuna perdida</i>. 1 vol.</p> <p>57—2.^a parte—<i>A colónia infantil</i>. 1 vol.</p> <p>FAMÍLIA SEM NOME:</p> <p>58—1.^a parte—<i>Os filhos do traidor</i>. 1 vol.</p> <p>59—2.^a parte—<i>O padre Joan</i>. 1 vol.</p> <p>60—FORA DOS EIXOS, 1 vol.</p> <p>CÉSAR CASCABEL:</p> <p>61—1.^a parte—<i>A despedida do novo continente</i>. 1 vol.</p> <p>62—2.^a parte—<i>A chegada ao velho mundo</i>. 1 vol.</p> <p>A MULHER DO CAPITÃO BRANICAN:</p> <p>63—1.^a parte—<i>A procura dos naufragos</i>. 1 vol.</p> <p>64—2.^a parte—<i>Deus dispõe</i>. 1 vol.</p> <p>65—O CASTELO DOS CARPATHOS, 1 vol.</p> <p>66—EM FRENTE DA BANDEIRA</p> <p>A ILHA DE HÉLICE:</p> <p>67—1.^a parte—<i>A cidade dos biliões</i>. 1 vol.</p> <p>68—2.^a parte—<i>Distúrbios no Pacífico</i>. 1 vol.</p> <p>69—CLOVIS DARDENTOR, 1 vol.</p> <p>A ESFINGE DOS GELOS:</p> <p>70—1.^a parte—<i>Viagens aos mares austrais</i>. 1 vol.</p> <p>71—2.^a parte—<i>Lutas de marinheiro</i>. 1 vol.</p> <p>72—A CARTEIRA DO REPÓRTER, 1 vol.</p> <p>O SOBERBO ORENOCO:</p> <p>73—1.^a parte—<i>O filho do coronel</i>. 1 vol.</p> <p>74—2.^a parte—<i>O coronel de Kermor</i>. 1 vol.</p> <p>75—UM DRAMA NA LIVÓNIA, 1 vol.</p> <p>76—OS NAUFRAGOS DO JONATHAN, 1.^o vol.</p> <p>77—OS NAUFRAGOS DO JONATHAN, 2.^o vol.</p> <p>78—A INVASÃO DO MAR, 1 vol.</p> <p>79—O FAROL DO CABO DO MUNDO, 1 vol.</p> |
|--|---|--|

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA

ESTÁ Á VENDA O

Almanach Bertrand

Fundado por Fernandes Costa e coordenado por D. Maria Fernandes Costa

UNICO NO SEU GENERO EM PORTUGAL

A mais antiga e de maior tiragem de todas as publicações em lingua portuguesa—
RECREATIVO, AMENO, INSTRUTIVO— Colaborado pelos melhores autores e dese-
nhistas portugueses e estrangeiros—Passatempo e Enciclopédia de conhecimen-
tos úteis, colaboração astronómica e matematica muito interessante por
professores de grande autoridade nestes assuntos.

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 452 gravu-
ras, cartonado **10\$00**
Encadernado luxuosamente **18\$00**

33.º — ANO — 1932

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

**Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Estoril-Termas

**ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL**

■ ■ ■

**Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveri-
sações, etc.**

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens.**

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72



**Novidade
Sensacional**

**Com o PENTE ONDULADOR
Transforme os seus cabelos
lisos em naturalmente on-
dulados para toda a vida !**

Duma maneira geral procedese da seguinte forma :
Levante-se os cabelos e secante-se pouco; depois de-
desemburacados penteie com a cabeça unida e não an-
com o PENTE ONDULADOR, de forma a que as
ondas do pente sejam dirigidas para o exterior.
Faça desfilar o pente através das cabecias na
posição indicada cerca de 10 a 15 vezes, e assim se
obtem uma linda ondulação para sempre.



Exclusivo de venda :
D. E. B. E. L. E. Z. A
M. CAMPOS
Av. da Liberdade,
35 — LISBOA

**Preço Esc.
15\$00**

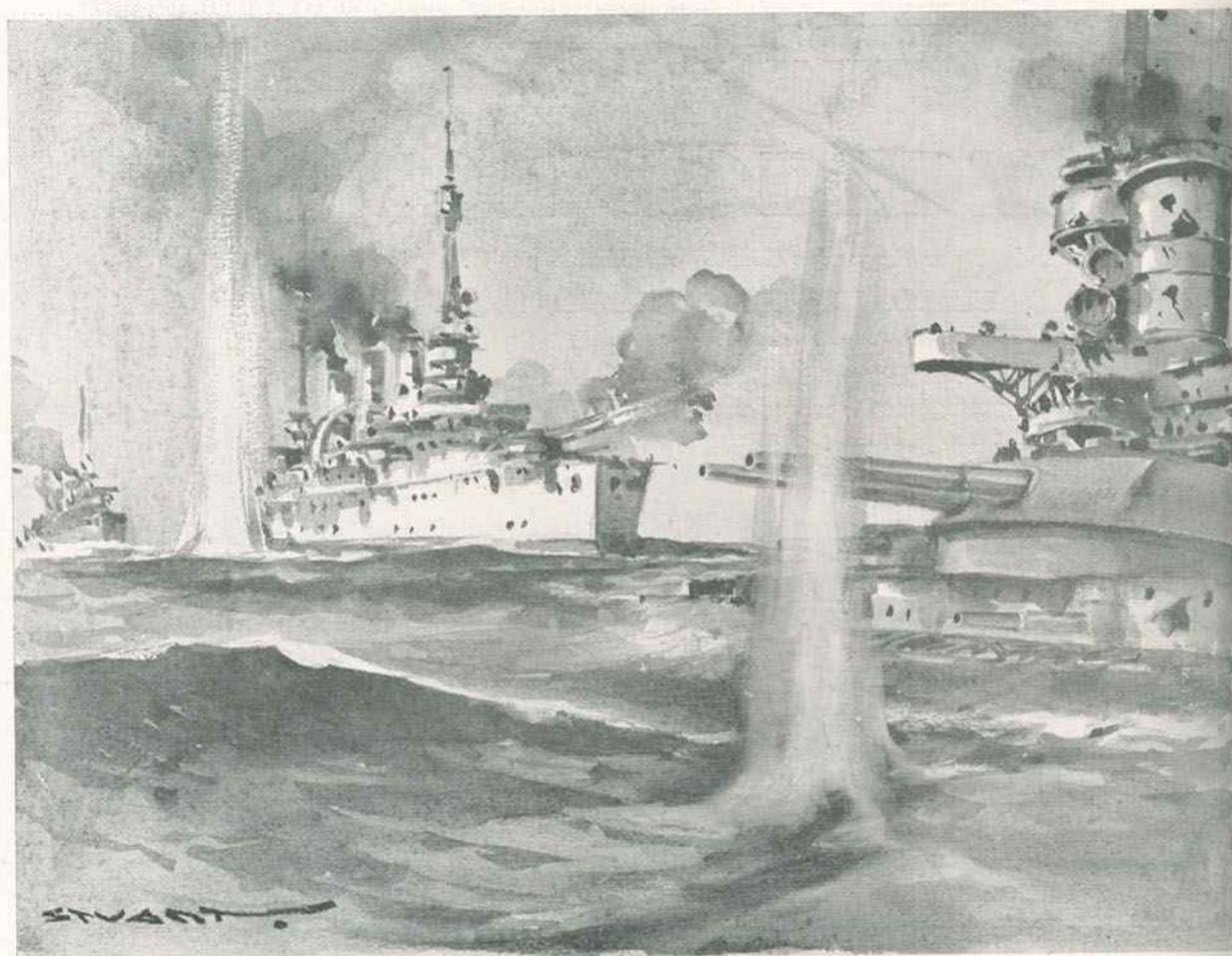
**UM ARGUMENTO
DE
PEZO**



Mais de 150 anos
de justificada fama ga-
rantem ser a
Farinha de S. Bento

um poderoso alimento
não só para crianças
como para pessoas de tô-
das as idades e, em es-
pecial fracas ou idosas.

Vende-se em todos os bons estabe-
lecimentos e no Deposito Geral:
R. de S. Bento, 374 - Lisboa
Telefone Norte 3670



OS GRILHETAS DO KAISER

por THEODORE PLIVIER

Marinheiro alemão durante a Grande Guerra

**A epopeia trágica da esquadra
alemã e a sua destruição** ———

**A obra máxima sobre
a guerra europeia** ———

A CELEBRE BATALHA NAVAL DA JUTLANDIA

e os seus horrores, vistos por um marinheiro russo

Este livro, traduzido em quasi todas as linguas, suplantou em exito o celebre "Nada de Novo na Frente Ocidental". Apesar de prohibida a sua venda na Alemanha, devem-no ter lido em todo o mundo para cima de **50 milhões de pessoas**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O melhor livro para as férias

A NAU CATRINETA



por ARMANDO FERREIRA

TITULO DOS QUADROS:

PROLOGO: 3 horas da tarde
 No reino da Historia
 Arcias de Portugal
 As ilhas encantadas
 As feiticeiras do Fogo
 Sou pretinho da Guiné
 Vêr e crêr como S. Tomé
 Furum fum fum que vou p'ra Angola
 Os jardins do senhor Lourenço
 No reino das Pedrarias
 Chum-Chim-Cháu
 Do outro lado da Terra
 Uma hora depois

A volta ao mundo Português

Ilustrações de Alfredo Moraes

A' venda na Filial do "Diario de Noticias"

Largo de Trindade Coelho, 10 e 11

e em todas as Livrarias



Para evitar as doenças de rins, cal-
culos, reumatismo, doenças de figado
e da bexiga é necessario usar os

LITHINÉS du Dr GUSTIN

A venda nas Farmacias

O FAMÓSO CREME
 PARISIENSE

J. LESQUENDIEU

*Veja este lindo rosto
de mulher, e tratado
com a
Reine des Crèmes
Amanhã será
o vosso Creme*



REINE DES CRÈMES

A' venda em todas as boas casas de Portugal
 Agente exclusivo para Portugal AZULAY & C^l 100 rua Aurea Lisboa

ELEMENTOS DE HISTORIA DA ARTE

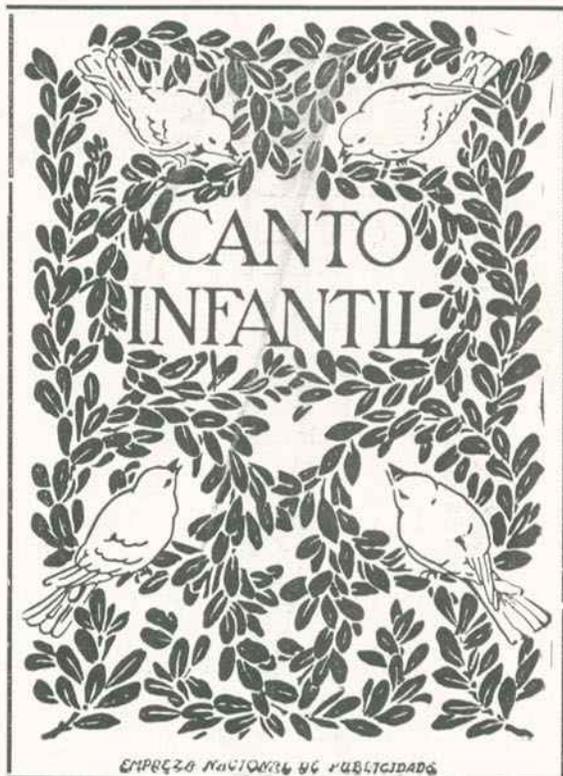
de que é autor o ilustre professor
 e pintor

J. Ribeiro Cristino da Silva

Um volume de 710 páginas,
 com 641 gravuras encader-
 nado em percalina, 30\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75
 LISBOA



Biblioteca dos Pequenininos

Directora: D. Emilia de Sousa Costa

VERSOS de Afonso Lopes Vieira
MUSICA de Tomás Borba
ILUSTRAÇÕES de Raul Lino

«Desta obra escreveu o sr. dr. Agostinho de Campos: Livro benemérito. Dar de heber a quem tem sede não é mais util nem mais santo do que dar de cantar a quem não tem canções. Este livro contém canções infantis e escolares, inspirando-se a poesia em motivos da nossa natureza e história e a música em tonalidades também nacionais.»

P R E Ç O : 1 0 \$ 0 0

*A' venda na filial do DIARIO DE NOTICIAS
 Largo de Trindade Coelho, 10 e 11—e em todas as livrarias*

**Um dos melhores livros para crianças
 ùltimamente publicados é**

O PRETINHO DE ANGOLA

por CÉSAR DE FRIAS

com engraçadíssimas ilustrações de ILBERINO DOS SANTOS

AS AVENTURAS DO NINI E DO JUBIM

- I—Nini, um bonito menino branco, recebe um presente inesperado.
- II—Jubim, interessante pretinho, conquista as simpatias e a protecção dos pais de Nini.
- III—Aos alegres brinquedos seguem-se os primeiros estudos.
- IV—Eles apartam os dois pequenos e Jubim foge da casa dos seus protectores.
- V—Nini é mandrião, mandrião até mais não.
- VI—O pai resolve mandá-lo para a Africa.
- VII—E aí, na Africa maravilhosa, se encontram de novo Nini e Jubim e se tornam amigos a valer.

Opiniões de alguns criticos a respeito deste livro:

«Obra de mestre e grande mestre, *O Pretinho de Angola*. Uma novela que as crianças hão-de apreciar muito e que honra o sr. César de Frias». (Do jornal *As Novidades*).

«César de Frias, poeta e romancista, crítico e erudito, soube escrever páginas adoráveis para os pequenininos...» (Do *Diário de Notícias*).

«O apreciado autor de «Ao sópro da Vida», «Nossa-Senhora Eva», «As grandes núpcias», «Biblioteca das Noivas», «Almas em Flor», etc., espírito votado ao culto da mais sã literatura e que é um dos mais brilhantes estilistas da literatura de hoje, venceu ao escrever a novela infantil». (Da revista *Portugal Feminino*).

Preço:
5\$00

**A' venda na Filial do DIARIO DE NOTICIAS
 Largo de Trindade Coelho, 10 e 11—LISBOA
 E EM TODAS AS LIVRARIAS**



O "Sal de Fructa Eno", consagrado por sessenta anos de verdadeiros sucessos em todo o mundo, é o remedio mais eficaz para corrigir todas as irregularidades resultantes das perturbações do aparelho digestivo. De preparação salina efervescente, exempto de sal mineral purgativo, o "Eno" tem uma acção branda e suave, podendo-se tomar em todas as idades e em todas as estações do ano.

Uma colher, das de café, num copo de agua, pela manhã e à noite.



'Allenburys'

Alimento Lacteo



MÃES!
PEÇAM HOJE MESMO
O NOSSO FOLHETO
GRATIS.



Principie com *Allenburys* N° 1. (Alimento lacteo).

Três meses depois dê-lhe *Allenburys* N° 2. (Alimento lacteo).

Ao fim de 6 meses, mude para *Allenburys* N° 3. (Alimento maltado).

Desta forma dará ao seu bebé o alimento que a Sciencia classifica de mais eficaz para alternar com o leite materno.

A Amamentação com os Alimentos "Allenburys".

ALLEN & HANBURYS Ltd., LONDON
Agentes Exclusivos: Coll Taylor Ltda, Rua dos Douradores 29, 1º, Lisboa



Comem-na com entusiasmo. Não tem V. Ex.ª necessidade de amimá-las, admoestá-las ou convencê-las. E de paladar delicioso e optima para o seu organismo

A Maizena Duryea é um alimento natural, sem misturas, um alimento saudavel E são tantos os pratos esquisitos e apetitosos que se podem confeccionar com a Maizena Duryea que jamais cansa. É tambem excelente para os adultos. Muito facil de preparar

Enviaremos gratis o famoso livro de cozinha - Maizena Duryea, que contém muitas receitas apetitosas, se nos enviar o coupon abaixo preenchido,

Peça-nos um exemplar deste livro e experimente a Maizena Duryea.

MAIZENA DURYEYEA



GRATIS

CARLOS DE SA PEREIRA, L.^{DA} - Rua dos Sapateiros, 115, 2.^º - LISBOA

Queira enviar-me um exemplar gratis do seu livro de cozinha.

Nome

Morada

Localidade

"EVA"

- uma linda capa -

Uma elegante primeira página - Uma sensacional página central - Os mais lindos dos figurinos - - -

Primorosa colaboração literária:

Artigos, Crônicas, Crítica literária,

Conselhos e alvites, Culinária



Felicidade familiar.

Já pensou alguma vez na importancia que tem a saude da dona de casa? D'ella depende a prosperidade dos filhos, a capacidade de trabalho do marido e a felicidade inteira da familia.

O Trabalho que pesa sobre a dona de casa, é muitas vezes superior ás suas forças.

Ora, se a fadiga se lhe torna chronica, a bôa marcha da casa corre sempre risco.

Uma chavena d'Ovomaltine, ao pequeno almoço, está indicada n'estes casos, para reconstituir as forças enfraquecidas da dona de casa, e proporcionar-lhe a energia que necessita para levar a bom caminho, sem fadiga e sem difficuldade, o trabalho de cada dia.

A saude é coisa bem mais importante ainda na mulher grávida

visto que o seu mais ardente desejo é dar a seu filho com a vida, a plenitude de saude e de forças que elle necessita.

Aquellas cujo estomago, chega a nada supportar, tolerarão sempre e tomarão com gosto uma chavena d'Ovomaltine. Por outro lado numerosas experiencias clinicas tem demonstrado que a Ovomaltine augmenta a secreção lactea e portanto auxilia a mãe a alimentar o seu filho.

A Ovomaltine é o recurso, a ajuda fiel da mulher em todos os casos de fraqueza.



A OVOMALTINE
é a saude

À venda em todas as pharmacias e drogarias
Dr. A. WANDER, S. A., BERNE

Unicos concessionarios para Portugal

ALVES & Ca. (IRMÃOS)

Rua dos Correiros, 41-2º

Lisboa



ILUSTRAÇÃO

REDACÇÃO
Rua Anchieta, 31, 1.º
Telef.: 2 0535

grande revista portuguesa
DIRECTOR-ANTONIO FERRO

ADMINISTRAÇÃO
R. Diário de Notícias, 78 1/2
Telef.: 2 3132



UM ASPECTO DA FESTA NOCTURNA QUE SE REALIZOU EM ALFAMA, DEDICADA AOS CRÍTICOS ESTRANGEIROS QUE VIERAM A PORTUGAL ASSISTIR AO V CONGRESSO INTERNACIONAL DA CRÍTICA—(Foto Horácio de Novais)
NA CAPA: REPRODUÇÃO DUMA GRAVURA DUM JORNAL DE MODAS DE 1875



NAO ERAM AINDA 8 HORAS...

AO ALBERTO DE SERPA

EU que vou saboreando pela vida a secreta satisfação de um harmonioso gemido íntimo e que fujo tanto quanto posso aos lugares assolhados de bulfício—esta manhã surpreendi-me tentando a entrar ali no mercado da Praça da Figueira. Não eram ainda oito horas.

Mal penetrei—e foi de esguelha,—insultos, pragas, rumores variadíssimos, e todo aquele mostruário exuberante de côres, atordoou de tal modo os meus sentidos que muito instintivamente levei as mãos á cabeça como a tentar defendê-la de uma tontura inesperada, fulminante, ou anormal. Assim, preocupado e avançando, fui-me deixando envolver pelo ambiente sonoro...

Atraído para as flôres—espetadas em arame e empoleiradas, aos môlhos, em canudos encardidos de lata e zinco barato, um mocetão de bigode e em camisa de riscas, cumprimenta-me e pergunta: «Vai um ramo de lilazes?» Sem responder passo adiante, fingindo que nem sequer o olhei. «Cravos mais belos, freguez, não encontra; venha vêr.»—

diz-me um velhote enrolando um cigarrito francês.—Não, obrigado, não compro. E a vozearia infernal—tilinta, cascalha, canta—num marulhar incompreensível mas vagamente agradável aos meus nervos irritados. Sardinheiras escaletes, rosas brancas, malmequeres, goivos, túlipas, e tantas!, os meus olhos

envolveram numa carícia de pena. Pobres flôres mutiladas! De vez em quando sôbre elas caem alguns borrifos de água como a despertá-las ainda da sonolência mortal que pouco a pouco as vai murchando. Gritinhos histéricos de cabritos avolumam este descompassado atroar de entendimentos altivos... Limpidamente, um galo canta três vezes. Dezenas de cachos de bananas ao longo da rua por onde agora enfiei,

lembram candelabros suspensos para uma festa pagã.

Tropéço numa dama de quico emplumado e oiço uma praga vulgar saída por entre dentes. Um moço de padaria, imberbe, desempenado, dá-me um encontro de frente que por um triz não me tomba. Atrapalhado, cõrando, volta-se



UMA VENDEDEIRA DE OVOS DA PRAÇA DA FIGUEIRA

(Foto Horácio de Sousa)



AS MULHERES NUM LUGAR DE FORTALIÇA À HORA DA VENDA
(Foto Horácio de Novais)

e pede-me desculpa... Na minha bôca fluctua um sorriso duvidoso. A multidão engrossou. Nas pernas, a cada passo, batem-me cabazes de verga e roçam-se nos meus ombros várias alcôfas que passam...

Estou em dizer que a humanidade aumenta com mais rapidez que os produtos de alimentação que esta necessita para poder «aguentar-se»...

E não podemos duvidar que desde 1914 o número de habitantes é muito maior em todo o mundo — apesar da Guerra ter levado intermináveis legiões de vidas. E as que foram vencidas pela fome? E as variadíssimas doenças que os gazes ocasionaram? E a diminuição de nascimentos? E as millentas vítimas dessa espantosa tragédia vermelha que foi a revolução russa?

— Quere uma bôa melancia, meu simpático senhor?

há uma ou outra que escapa envolvida no vermelho saboroso e que, depois, na bôca, — rígidamente viscosa — pôde engulir-se também... E é perigoso, não acha?

— Isso é certo, meu senhor. Outro dia, um primo meu, foi fazer operação *à apendicite* e os médicos disseram logo que

São da várzea, — é obra fina. Prove lá uma talhada?

— Muito obrigado, não gosto. E vou dizer-lhe porquê: quando como melancia ponho todo o meu cuidado em arrancar-lhe as pevides. Mas,

tinha sido por causa de umas pevides de marmelo que êle engulira. Ora a melancia tem-nas muitíssimo maiores, não é verdade? Faz muito bem; tem razão: Todo o cuidado é sempre pouco. Olhe, o pavor que eu sinto pelas doenças, é igual ao pavor que eu tenho pela confusão que vai por êsse mundo de Cristo. E o senhor António bem sabe:

«Em Espanha dão vivas à República; em França vivas à monarquia...»

— Mas, isso, não tem importância...

— Não tem importância? — retorquiu ela levando as mãos aos quadris roliços.

— Nenhuma — repito-lhe novamente. Os franceses gostam apaixonadamente dos reis de outros povos. É uma predisposição natural para o adultério... político. Não tem importância, creia.

Sôbre o asfalto do piso, a minha bengala de malaca — companheira inseparável de tôdas as minhas digressões batia mais resoluta, vitoriosa, cantante...

Sentia-me bem disposto. Novos aspectos cintilam... Bancadas de fruta — que têm para mim o encanto das coisas jovens e frescas — cativam demoradamente os meus olhos e o meu olfacto. Agora,



UMA IMAGEM DUM FILME RUSSO? NÃO: O HOMEM DO TALHO NA PRAÇA DA FIGUEIRA

(Foto Horácio de Novais)



O FOMAR DA PRAÇA DA FIGUEIRA

(Foto Haroldo de Novais)

são vendedeiras de limões: uma acidez suavíssima — ia a dizer espiritual — paira ao redor destas quatro raparigas. E seguem-se canastras de ovos, hortaliças, grêlos, queijos, azeitonas, alhos, — tudo!

Como dedos anémicos de vírgem, num taboleiro, os espargos, são disputados brutalmente...

À porta dos talhos, os bois, abertos e pendurados lembram-me guaritas de carne onde as moscas volumosas penetram em quantidade.

— A menina, quer o bife do assém?

— Ou do assém, ou da pá, — responde a jovem criada tamborilando com os dedos na pedra encardida do pequeno balcãozinho.

— Larga o peixe, *ramelica!* Então não querem lá *bêr* o desafôro da *lipá!* Um salmonete daqueles por dois tostões, francamente! Só disto é que *m'aparece*. E atira os braços e os olhos, ameaçadora, medonha.

— Cada um dá o que pôde — diz-lhe a freguesa, — nervosa.

Mais um gesto, uma palavra... — E o incidente café...

A grande actriz Eleutéria compra quatro carangueijos, duas ovas de marmota e um cachucho que não tem o volume de uma pulga. Não a larga um furriel de cavalaria 7. Boa estampa, marcial, mas, talvez, pouco atrevido.

Duas coristas do *Ai-ló* espiróglificas, loiras, — compram carapau miúdo e remexem a canastra de baixo para cima e até de cima para baixo.

De vez em quando a peixeira *assópra* coçando a ilharga.

Depois, no portão lateral da Rua dos Fanqueiros, combinam qualquer encontro que en não consigo entender — devido ao guincho estridente de uma senhora de bandós que descompõe um rapazito; este, maliciosamente, continua a persegui-la ofertando-lhe colchetes e alfinetinhos de Dama, dispostos ordenadamente num papelinho amarelo.

E aparecem mais cabezas, mais alcófas, novos gritos, — palavrões, risos, dichotes...

Em canastrinhas airo-sas, escaroladas, pequenas como a palma da minha mão, as ameijoas, que me lembram contas de um grande rosário — são lindas, metem cubiça...

Um marinheiro, de branco, rasga um fado na guitarra ao pé de uma marafona que trinca um pêro sadío. Há mais luz, — o rumor sóbe, — alastra, paira, não cessa.

Procuo safr, já tonto.

ANTÓNIO BOTTO.



A PRAÇA DA FIGUEIRA VISTA POR STUART



A CHEGADA DOS CONGRESSISTAS À ESTAÇÃO DO ESTORIL. — (Foto Horélio de Novais)

O V CONGRESSO INTERNACIONAL DA CRÍTICA

A concepção duma federação internacional das associações de críticos, chamou Émile Vuillermoz, no seu primeiro artigo dedicado ao 5.º Congresso, que acaba de realizar-se entre nós, uma *idéia fecunda*.

É fácil compreender porquê: em primeiro lugar, porque se impunha a necessidade de estabelecer um intercâmbio intelectual mais estreito, do qual resultasse a possibilidade de controlar as ideias, *policiar o gosto* — na própria expressão de Vuillermoz — e zelar, em assembleias anuais, pelos interesses comuns da classe... — Perdão: em primeiro lugar (diz o poeta Fernand Gregh, que é muito mais velho do que eu), porque essas assembleias *servem de pretexto para belas viagens*.

Não será por isso que a ideia, gerada no ventre crítico de Paris em 1926, deixa de ser fecunda.

O certo é que Vuillermoz — no seu artigo do «Cândide» — não só considera importantíssima esta última reunião, pelo número e variedade dos assuntos versados, como declara ter sido exemplarmente organizada. Tanto basta para que devamos congratular-nos.

Por mim, confesso que fiquei desapontado quando soube que Bernard Shaw não vinha na caravana dos críticos. Custou-me a imaginar Pirandello sem ele, porque nunca tinha conseguido pensar num, sem o ver de braço dado com o outro.

É inútil dizer que não fui congressista: — se o fôsse, teria vergonha de confessar esta



O DRAMATURGO LUIGI PIRANDELLO. — (Foto H. de Novais)

infantilidade. Mas tive outras razões para lamentar que Bernard Shaw não viesse: a sua recente viagem de estudo à Rússia e o interesse de ler, mais tarde, as suas impressões sobre aquele país e o nosso, às quais não faltariam, pela certa, as mais originais comparações: os costumes, o folclore, os sentimentos...

Além disso, o que mais impressionaria ao grande ironista inglês, neste «balcão aberto sobre o infinito», como chamou ao nosso país o ensaísta espanhol Eugenio d'Ors?

Há quatro anos, o que mais impressionou o jornalista alemão Roda Roda, foi o conhecimento das casas portuguesas serem varridas todos os dias, os leilões serem um fenómeno frequente, haver poucos carrinhos de crianças e bicicletas nas ruas, as mulheres agüentarem com um péso descomunal de mercadorias à cabeça e outras profundidades do mesmo género. A Keyserling, pensador de maior envergadura, foi a nossa explosividade, a ausência do sentido da *problemática intelectual* nos nossos críticos, a frescura das vozes femininas, o azedume da ironia e o excesso de frases corteses.

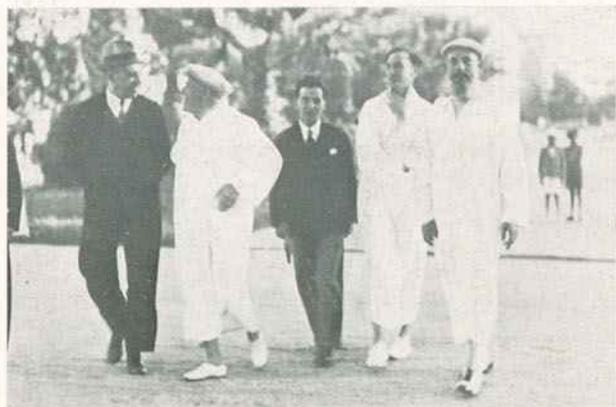
E a Bernard Shaw, o que seria? Quem sabe se não lhe viria à memória aquele verso de Byron, ao contemplar as maravilhas da natureza: «Oh, that such hills upheld a freeborn race!»

Mas veio Pirandello. A menos que tivesse sido um sonho... No entanto, eu vi-o, conversei mesmo com ele durante mais de meia

hora. É o certo é que poderia chamar a esta conversa

UMA ENTREVISTA...
(MAS TALVEZ NÃO).

A meio da exibição da *Severa*, no Central, o mestre sentiu-se fatigado; (nota: todos os



OS CONGRESSISTAS BELGAS JOSEPH PECKER, MAURICE PALMANS E VAN KASSEL, SAÍNTO DO BANHO — (Foto H. de Novati)

congressistas tratavam Pirandello por mestre); não por causa do filme, segundo confessou, mas da viagem. De resto, já o tinha visto, há tempos, numa exibição privada em Epinay.

António Ferro lamentou que não pudesse assistir à festa popular em Alfama, que devia realizar-se depois da meia noite, e o secretário de Pirandello — o sr. Collin — na expectativa de ter que acompanhar o mestre ao hotel do Estoril e perder a festança, fez esforços para conter uma expressão amuada. Mas o mestre levantou-se e nós (eu era hóspede do seu camarote) acompanhámo-lo até à rua.

Pirandello, percebendo o estado de espírito de Collin, insistiu com ele para que ficasse, fazendo-lhe ver que não havia necessidade de o acompanhar. E quando eu estava, abstratamente, a pensar por que motivo Pirandello teria os olhos castanhos (em vez de verdes, como os imaginara), ouvi António Ferro afirmar-me que eu tinha, com toda a certeza, muito prazer em acompanhá-lo.

Disse que sim, Pirandello classificou-me de muito amável, chamámo-nos um *taxi*, e um minuto depois partíamos a caminho do Estoril.

Nada mais simples, como estão vendo — nem mais complicado. O mestre sentou-se à minha direita, pediu ao *chauffeur* para apagar a luz, enterrou as mãos nas algibeiras e à péra na gola do sobretudo e... ficou-se.

Eu também me fiquei, sem palavras nem sobretudo, sentindo crescer sobre mim o peso da responsabilidade, com a voz da consciência a berrar-me aos ouvidos: «olha que não é impunemente que se acompanha um homem tão notável, dos Restauradores ao Estoril, sem o massacarar com perguntas!»

Contudo, eu tinha a intuição de que a difi-

culdade estava só na primeira; apenas sentia escrúpulos em iniciar um diálogo frouxo e o receio de o ouvir responder-me com uma voz pálida de fadiga e mal disfarçado aborrecimento.

Afinal, foi Pirandello o primeiro a quebrar o silêncio:

— Estou a gostar muito de Portugal. Lem-

bra-me um pouco a Sicília. Tenho pena de não assistir aos festejos populares, mas estou, na verdade, fatigado. A viagem foi muito longa.

— O mestre, naturalmente, costuma deitar-se cedo...

— Sim. Desde muito novo que durmo apenas quatro a cinco horas por noite. Trabalho sempre de manhã; de modo que a esta hora já costumo estar na cama.

— Onvi dizer que o mestre vai agora à América...

— É verdade, penso lá ir, dentro em breve. Tenho cinco peças inéditas, e é provável que algumas delas. Além disso, interessa-me fonofilmar «Seis persona-

faça representar lá algumas delas. Além disso, interessa-me fonofilmar «Seis persona-



MAURICE PALMANS, MADAME PECKER, JOSEPH PECKER, CRISTÓVÃO ADEIS, MADAME KASSEL, E VAN KASSEL — (Foto H. de Novati)

gens à procura dum autor». (Depois duma curta pausa): — É autor teatral?

— Não, mestre, nunca fiz teatro. Ou antes: uma vez tentei escrever uma peça num acto, mas desisti, por sentir que não podia deixar de imitá-lo...

— Nesse caso, fez bem.

— Tem muitos imitadores em Itália, não é verdade?

— Alguns, como em toda a parte. A crise de autores é geral.

— No entanto, agora em França, ao *Prêmio Brieux*, concorreram quatrocentos.

— É verdade, mas, apesar disso, em França não há teatro.



ANTÓNIO FERRO E PIRANDELLO — (Foto H. de Novati)

— O mestre viu em Paris o «Anphion», de Valéry?

— Não é nada, nem como poesia. De resto, Valéry não é um poeta, é um prosador. Os seus versos têm uma profundidade artificial, desumana. No teatro não se pode ser desumano. Em França, actualmente, só há um autor que tem revelado grandes qualidades; mas, mesmo esse, só tem *resistência* nos primeiros actos: é Stève Passeur, conhece?

— Li uma peça dele, «L'acheteuse».

— Ai tem, é uma das melhores, senão a melhor.

— O mestre gosta de «Crommelynck»?

— Muito. O «Coeu magnifique» é uma peça admirável. Mas Crommelynck não é francês...

— E Marcel Pagnol?

— É um caso de *chance*, apenas.

— E Jean Cocteau?...

— Tem algumas habilidades curiosas: o «Orfeu»... (Pausa). Os autores franceses abusam muito dos temas de amor e cam quasi todos na banalidade. Raros sabem evitá-la.

— Os romancistas também, não é verdade?

— Sim, mas são melhores: André Maurois, por exemplo, é um grande escritor. Dissaram-me que Maurois é muito lido em Portugal...



ALGUNS CONGRESSISTAS NO CASINO DO ESTORIL, SENDO SE À ESQUERDA DE ANTÓNIO FERRO PIERRE LEHOT E LUCIE CARDIN — (Foto H. de Novati)

—É mesmo um dos escritores estrangeiros que tem mais público entre nós.

—Isso é um bom sintoma. E Valéry Larbaud?

—Não tanto como merecia... O mestre admira a literatura russa?

—Os clássicos. As obras de Dostoyevski e de Tolstoi são eternas. Também admiro Pouchkine, como precursor destes génios, dos quais o último foi Tchekow. Se não tivesse morrido tão cedo, era hoje um dos primeiros dramaturgos do nosso tempo. A literatura *d'après-révolution* sofre o grande prejuizo da propaganda, que limita o âmbito dos temas e atrofia a evolução natural de muitos escritores jovens e com valor.

—Interessa-lhe a literatura espanhola?

—Interessam-me, sobretudo, os ensaístas.

—Ortega e Gasset e Eugénio d'Ors têm, entre nós, grandes admiradores.

—São os mais interessantes. O primeiro, quanto a mim, é o mais brilhante pensador da Espanha de hoje.



O CINEMA «CENTRAL», NA NOITE DA EXIBIÇÃO DOS FILMES PORTUGUESES. NUM CAMAROTE DA ESQUERDA, EM PE, O CRÍTICO EMILE VUILLERMOZ — (Foto H. de Novais)



O SR. MINISTRO DA INSTRUÇÃO, DISCURSANDO, NA sessão INAUGURAL DO CONGRESSO — (Foto Hordéio de Novais)

—E Unánimo?

—É respeitável... Parece que estamos próximos.

—Tenho fatigado mais o mestre com as minhas perguntas, não é verdade?

—Não, que ideia! A viagem seria mais longa sem a sua companhia.

—O que pensa o mestre de Bernard Shaw?

—Ah! êsse, sim, tem génio! Foi pena não ter podido vir ao Congresso. A viagem à Rússia devia tê-lo fatigado muito. É um grande espirito!

—E Keyserling?

—É um bluff! O mundo das letras está cheio de bluffs, mas Keyserling é um dos maiores. Parece-me que chegámos. Mas o *chauffeur* vai enganado; devia ter voltado pela direita...

(Indiquei ao *chauffeur* a rua da direita, que conduz ao hotel. O *taxi* parou. Apámo-nos. Pirandello estendeu-me a mão):

—Muito obrigado e até amanhã, não é verdade?

—Desculpe-me, mestre, se o fatiguei...

—Nada. As suas perguntas não foram indiscretas. Boa noite.

Entri no *taxi* e mandei-o seguir para Alfama. O trajecto pareceu-me ter o triplo do comprimento. Fui, no entanto, recordando a entrevista. Pareceu-me sem interesse. A voz da consciência acusou-me de timidez. Respondi-lhe, frouxamente: «mas tu não viste que o mestre dava a sensação de ter a bateria descarregada?...» A consciência riu-se, eu não achei graça nenhuma e há-de haver



A Sessão DE FADOS NO MIRADOURO DE ALFAMA — (Foto Hordéio de Novais)



OS CONGRESSISTAS, EM VILA FRANÇA, FORAM TRANSPORTADOS EM CARROS DE BOIS... (Foto Hordelto de Novais)

multa gente que ache excessiva a irreverência da comparação.

Mas dava, de facto: uma voz lenta, compassada, por vezes quasi a apagar-se... Algumas frases, só consegui ouvi-las depois de lhe pedir que as repetisse e, mesmo assim, era preciso debruçar-me sobre o seu lado. Só a luz dos candieiros e dos faróis dos outros carros iluminava, de quando em quando, o interior do *taxi*, permitindo-me vê-lo. E sempre o mesmo sorriso: — Ingénua? Infantil? Irónico? (Talvez tudo, ao mesmo tempo).

Havia uma coisa que me compensava da minha falta de profissionalismo, como volante de entrevistas: a última frase de Pirandello. Não o massacrei com perguntas tendenciosas, como era meu dever, mas, ao menos, não fui indiscreto...

Quando cheguei a Alfama, Collin veio ao meu encontro e perguntou-me, com um interesse precipitado, onde havia uma pontinha de remorso: — Então o mestre? Chegou bem? Apeteceu-me responder-lhe: — Bem, obrigado. Várias pessoas me rodearam: — Então o mestre? Foi você que levou o mestre?! O que disse o mestre?... A custo consegui reconhecer um dos preguntadores. Imaginei, por momentos, — como Fradique a respeito do célebre *dois* — que tinha levado, sem me aperecer disso, um dens ao Estoril, num *taxi* palhinha da Cooperativa. Um amigo chamou-me de parte, para saber pormenores. Respondi-lhe: — O *taxi* ainda ali está parado. Toma-lhe o número e propõe ao Estado a sua aquisição para o Museu dos Coches, como reliquia nacional.

Na noite seguinte, voltei a ver Pirandello, em São Carlos. Tinha a cabeça entre as mãos, enlevado na contemplação interior não sei de que dramáticas ficções, mas estava, certamente, muito longe dali...

Vi-o, pela última vez, no Teatro Nacional. Ali, esteve, de facto, pelo menos durante a representação de *Um sonho, mas talvez não*.

No *foyer*, depois de agraciado com as insígnias da ordem de S. Tiago, apanhei-o em flagrante *coquetterie*, acariciando, com o misterioso mas simpático sorriso de sempre, o reluzente colar. (Contudo, se o colar fôsse de pinhões, estou certo de que o gesto e a expressão deixariam transparecer o mesmo contentamento).

Também vi, muito de perto, o Green, o Milhaud, o Vuillermoz, o Costa Ourani... em suma, vi-os a todos. Mas não lhes fiz perguntas. Senti que Pirandello tinha dito tudo por eles.

Além disso, havia mais satanismo na cara

rapada e vermelhusca de Vuillermoz, do que na péra do próprio Pirandello. Isto afastou-me; como também me afastou de Philip Carr o vê-lo dançar no Casino, na festa das Quinze Nações, frenético, histérico, quasi epilético; de Milhaud, a sua regência em S. Carlos, — fria, desagradável, hostil; de Notara, a sua atitude de possesso, em cima do estrado, esmurçando fantasmas; e de Gandray Rety, o mais exótico de todos — a barbiga rala, que devia cheirar a febre...

O que eles foram a pensar de nós, dos nossos costumes, das nossas artes e dos nossos sentimentos, em breve teremos ocasião de saber, nos artigos escritos além fronteiras, em suas casas, quando já não fôr necessário respeitar as leis da hospitalidade.

CARLOS QUEIROZ



OS CONGRESSISTAS EM VILA FRANÇA DE XIRA — (Foto H. de Novais)



A dama do Pijama Verde

ILUSTRAÇÃO

Eu estava em Biarritz havia, talvez, três horas. Tinha descido no «Chateau des Palaises», almoçado como um príncipe diante das largas vidraças que abrem para o oceano cantábrico — lago de cobalto cintilante donde irrompe, negro e abrupto, o rochedo da Virgem —, e saíra para vêr a pequena cidade basca, que é ainda, pouco mais ou menos, o que era há quinze anos, um aglomerado risonho de vilas e de chalets, em volta do formidável bloco internacional dos Palaces e dos Casinos. Fazia um calor horrível, mil vezes peor do que em San Sebastian. A atmosfera, que me deu a impressão de oiro fluido, ardia e cegava. Banhistas retardatárias, umas de pijama em automóveis luxuosos que as traziam das piscinas da «Chambre d'amour», outras a pé, em maillot, defendendo-se do sol com as suas pequenas sombrinhas chinesas — quasi tôdas fumando — passavam, bronzeadas, insexuadas, indiferentes, de regresso aos hotéis. O bafo ardente dos jardins próximos impregnava de um sabor de rosas o ar salgado e iodado do mar. Adivinhavam-se orquestras longínquas. Ouviam-se gritos de pavões. Foi, na verdade, vibrando do prazer de viver — e, sobretudo, da alegria incomparável de me sentir um desconhecido no meio de tôda a gente — que eu descí a rua de Mazagan, sob as labaredas vivas do sol, a caminho da grande praia.

Quando voltava à Place de Bellevue — maravilhosa explanada sobre o oceano magnífico — uma mulher alta, escultural, vestida de um *strand-pyjama* de sêda verde, um chapéu verde na cabeça, os pés nus nessas pequenas sandálias de couro dourado que têm feito furor em Deauville, vinha passando, apoiada a uma fina bengala, para as bandas da Avenida Victor Hugo. Parei, a observá-la. Era realmente interessante o espectáculo daquele corpo harmonioso, cuja nudez se revelava na transparência de sêda do pijama como se o vissemos através de um vidro verde, e que marchava, admirável de ritmo, de beleza, de serenidade e de orgulho, dando-nos a impressão de uma Vénus nascida, nessa mesma manhã, da espuma argêntea do mar. A princípio, julguei-a uma francesa. Aquela elegância e, sobretudo, aquela *morgue* pareceram-me muito parisienses. Depois, à medida que ela se aproximava, tive de reconhecer que a sua compleição atlética, os seus ombros quadrados, o tom ruivo dos seus cabelos e, em especial, as suas

extremidades — pés e mãos — longas, robustas e sólidamente modeladas, pertenciam, de preferência, ao tipo anglo-saxão. Talvez porque eu a observava com insistência, reparou em mim; franziu os olhos, para vêr melhor, ao clarão ofuscante da tarde, quem era aquele admirador demasiado evidente; e, de súbito, como se tivesse encontrado um dos seus antigos conhecimentos, sorriu, parou, a face iluminou-se-lhe numa expressão de jubilosa surpresa, e, depois de um movimento de hesitação, caminhou, decidida, risonha, ao meu encontro:

— Bom dia, mister John Clark! Porque não me disse que vinha também a Biarritz?

Confesso que, perante aquela sugestiva mulher que sorria para mim e me falava no inglês particularmente suave das *yankees*, eu tive uma infinita pena de não me chamar John Clark. A penetrante voluptuosidade que se exalava daquele corpo, daquele pijama, daquela pele dourada a fogo pelo sol da praia, daqueles olhos de antilope, vivos e inquietos como duas pequenas chamas azues, perturbou-me. Não porque a minha interlocutora fôsse positivamente bela; pelo contrário, o seu perfil não tinha nada de clássico, e a hêca pareceu-me demasiado grande, embora expressiva e bem pintada; mas o corpo era uma estátua, a côr surpreendente, a expressão diabólica, e tudo, nessa impressionante filha de OnCLE Sam, apesar da sua musculatura vigorosa e das suas atitudes imponentes, respirava frescura, juventude, alegria, simplicidade, encanto feminino, pura graça sensual, como se ela fôsse uma dessas loiras e atléticas bailarinas gregas da Thessália que, erguendo os braços robustos para fazer retinir os cimbalos de prata, mostravam dois pequenos seios virgínicos e delicados de criança. «As norte-americanas *up to date* — dizia-me, um dia, certo diplomata meu amigo — são excelentes raparigas que chupam meia dúzia de cocktails a seguir, fumam a seguir três caixas de cigarros, e não julgam indispensável, para beijar um homem, que êle lhes seja previamente apresentado.» Não era êsse, porém, o caso da escultural *yankee* que se me dirigira de uma maneira tão efusiva. A pobre senhora, que apertava ainda a minha mão entre as suas, fôra manifestamente vítima de um equívoco, confundindo-me com qualquer pessoa do seu conhecimento. Embora essas confusões não sejam desagradáveis quando se trata de uma

mulher bonita, apressei-me a desfazer o engano:

— Eu não sou mister John Clark, minha senhora.

— Tem a certeza de que não é mister John?

— Pelo menos, há um momento não era. Mas passarei a sê-lo se isso lhe dá prazer, minha senhora...

A americana encarou-me fixamente, percorreu-me com o olhar, e convencida, enfim, de que eu não era a pessoa que ela supunha, sorriu, baixou a cabeça e afastou-se, serena, olímpica, envolvida na labareda verde do pijama:

— *Excuse me...*

*
*
*

A noite vesti o smoking e, na esperança de tornar a vêr a americana, fui até ao casino de Bellevue.

O grande salão-restaurante estava quasi deserto. Duas orquestras — o *jazz-band* negro e a orquestra de gaúchos — tocavam, alternadamente, para que quatro ou cinco pares, dispersos pelas mesas, admirassem outros quatro ou cinco pares que dançavam no meio do salão. Pelas grandes janelas abertas sobre o oceano via-se, na escuridão da noite, a pulsação luminosa do farol de Saint Martin. Os criados vagueavam, sonolentos. Sentei-me, e, enquanto tomava um desses horríveis cálices de *Pôrto* que nos servem em França — quasi tão falsificado como o romance que o sr. Claude Farrère escreveu sobre Portugal — entretive-me a observar as mulheres, algumas delas muito interessantes, que passeavam pela sala, e digo «passeavam», porque a dança é hoje um simples passeio de pessoas amáveis que se movem em atitudes de kanguru. A nudez quasi completa dos bustos, como contra-partida do excessivo comprimento das saias, dava a quasi tôdas essas belezas de casino o ar da Aphrôdite de Melos, apenas vestida da cintura para baixo, mas — ao contrário da Vénus do Louvre — com uns admiráveis braços, «*plus beaux que des jambes*». Uma delas, alta, forte, ornamental, flamejantemente loira, vestida, ou, melhor, despida de preto, os ombros nus, os braços nus, as costas nuas até à cintura, os seios cobertos por um pequeno triângulo de veludo que uma larga fita negra, cruzando-lhe o busto e passando sobre o ombro direito como se fôsse a grã-cruz da Estrêla Polar, mantinha em posição, — pareceu-me, desde logo, a americana. Dansava como um rapaz magro, ruivo também — trinta anos, talvez — que vestia a *dinner jacket* com certa distinção e tinha um lenço de sêda azul atado no pulso. Seria ela, de facto? Esperei que se sentassem, para a vêr melhor. Mas, um belo *manton* de Manilla, que entrou na sala sobre uns ombros mais belos ainda, desviou a minha

atenção; os metais do jazz, sem eu dar por isso, vibraram as últimas notas do fox-trot que se dansava;—quando me lembrei da americana, já ela e o seu par estavam sentados a uma das mesas, a olhar insistentemente para mim. Não havia dúvida: era a dama do pijama verde, que eu tinha encontrado de manhã. Desviei os olhos, para evitar um cumprimento porventura inoportuno, e porque na verdade—confesso—o *manton* de Manilla me interessava mais. Quando ia a acender um cigarro, notei que alguém estava ao meu lado, junto da mesa. Voltei-me. O *partenaire* da americana, risonho, tímido, afável, o lenço azul no pulso, os cabelos ruivos cortados como os dos colegiais de Eton, perguntou-me, com a maior naturalidade do mundo:

—Mas, realmente, não é a mister John Clark que tenho a honra de falar?

—Não, senhor.

—Lamento-o, sinceramente. Nós somos muito gratos a mister John. Mister John é um verdadeiro *gentleman*.

—Tenho pena, mas não sou eu.

—Não importa. Miss Ana pede-lhe que aceite uma taça de Champanhe, como se realmente fosse mister John Clark.

Não pude deixar de sorrir. Diante de mim, o moço *yankee*, um pouco perturbado, esperava a minha resposta. Quando eu ia, naturalmente, declinar aquele estranho convite, a americana, cuja nudez magnífica, sob a chuva de ouro da luz, tinha, ao mesmo tempo, a firmeza marmórea das estátuas e a opulência de côr das Vénus venezianas, lançou-me um olhar que me convenceu. Para beber uma taça de Champanhe junto de semelhante mulher, quem quer que ela fosse, valia a pena ser, durante alguns minutos, mister John Clark. Levantei-me, tomei de sobre uma cadeira as minhas luvas esquecidas, e disse ao *yankee*, que me encarava perplexo e amável:

—Estou ao seu dispôr.

*
*
*

Com efeito, daí a pouco eu encontrava-me sentado, o mais comodamente possível, à mesa de miss Ana Valson e de mr. Fred Haldeman, novayorkinos, diante de uma «*Veuve Cléquot*» que esperava, na geleira de cristofle, o momento de ser festivamente aberta.

Com uma simplicidade encantadora, miss Ana Valson contou-me a razão da sua viagem à Europa e o motivo porque se achava ali. Ela e mr. Fred Haldeman eram noivos. Tinham experimentado uma irresistível atracção um pelo outro; mas, possuídos, ao mesmo tempo, de um grande receio do casamento (na sua qualidade de católicos, o matrimónio era para eles indissolúvel), hesitavam em se casar. Encontraram então um amigo íntimo do senador Ridghey—o parlamen-

tar norte-americano, adversário do divórcio, a quem coube a honra de lançar a sensacional idéa dos «casamentos de experiência»—que os aconselhou a realizar durante mês e meio, numa viagem ao velho continente, a sua experiência pré-nupcial, vivendo em comum, conhecendo-se de perto, observando-se no convívio íntimo, e conjugando o verbo *to spoon* com certa liberdade, mas sem tornar impossível, no caso de insucesso, qualquer nova experiência de miss Ana com outro *gentleman* medianamente escrupuloso. Se se dessem bem, casar-se-iam então. Era, na verdade, uma tentativa a fazer. Dois amigos seus, Clay Roussel e Josefina Goodrick, já tinham realizado, com excelente êxito, um casamento provisório de quinze dias. Fred e miss Ana pensaram, combinaram, decidiram-se, arranjaram os passaportes, compraram os bilhetes, fizeram as malas, partiram para a Europa, e, primeiro nas cabines de luxo de um transatlântico, depois em Londres numa *suite* opulenta do Carlton, em seguida em Paris, por fim em Biarritz, experimentaram, perfeitamente à vontade, numa convivência em *deshabillé*—embora, sob certos aspectos, cautelosa—se, num casamento definitivo, poderiam ser felizes. O prazo fixado para o seu mútuo estudo—mês e meio—expirava naquela noite, ao bater das doze horas. E miss Ana, maravilhosa na ostentação do seu buseto ao mesmo tempo virginal e atlético, busto glorioso de Antiope surgindo das águas doiradas do Thermodoonte, concluiu, enquanto o criado abria o Champanhe, que espumou nas taças:

—Não imagina! A experiência deu o melhor resultado. Estamos contentíssimos.

—Então, quando se casam?

—Estamos contentíssimos, porque já não nos casamos.

—Devéras?

—Tínhamo-nos enganado. Qualquer de nós é muito diferente do que o outro supunha. Não é verdade, Fred?

—Muito diferente,—concordou o *yankee*.—Eu imaginava que miss Ana tinha certos defeitos, que me agradavam muito, e, afinal, descobri nela qualidades que não me agradam nada.

—Eu imaginava Fred um americano brusco, rude, violento; e, no fim de contas, êle é de tal maneira amável, que, se nós chegássemos a casar, eu tinha todos os dias um ataque de nervos.

—Além disso—continuou o americano—reconheci que miss Ana não tinha confiança em mim, porque se fechava por dentro, à chave, tôdas as noites.

—E eu concluí que, se Fred sabia que eu me fechava por dentro, é porque tinha tentado abrir a porta do meu quarto.

—Quis vêr se miss Ana ressonava. E tive o desgosto de verificar que miss Ana rressona como um saxofone.

—E depois, Fred não sabe beijar. Para mim, um homem que não sabe beijar, como se beija no cinema, não é um americano...

A orquestra dos gaúchos atacou um tango. A sala encheu-se de mulheres cujos torsos nus, sob a luz mordente, davam a impressão de uma doirada bacchanal de Giorgione. Julguei oportuno intervir, para que os dois *yankees*, ao mesmo tempo cândidos e laís, práticos e idealistas, sensatos e extravagantes, exemplares perfeitos de um povo em cujo seio se está criando uma moral nova, não trouxessem para aquela mesa de casino pormenores ainda mais sugestivos sobre a sua experiência pré-nupcial; perguntei, acendendo a cigarrilha de miss Ana, com o natural interesse que me merecia o misterioso homem, tão parecido comigo:

—Mas que tem com tudo isto mister John Clark?

—Mister John? Foi mister John, amigo do senador Ridghey, que nos aconselhou a experiência que fizemos. Se não fosse êsse *gentleman* providencial, só tínhamos dado pelo nosso engano no dia seguinte ao casamento. Éramos, a esta hora, infelicíssimos. Assim, quando bater a meia-noite, despedimo-nos um do outro, como bons amigos, e cada um segue a sua vida. Foi mister John que nos salvou!

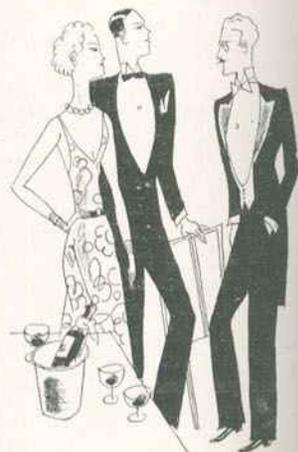
E a encantadora americana, erguendo a taça em minha honra, como se eu tivesse sido, na verdade, o seu magnífico salvador, exclamou, logo apoiada pelo entusiasmo ingénuo de Fred:

—Viva mister John!

—Hip! Hip! Hurrah!

Agradei, em nome de mister John Clark, aquela efusiva manifestação. É bem certo que o mundo vive de surpresas. Longe estava eu de supôr, quando, naquela manhã, encontrara na Place de Bellevue a monumental dama do pijama verde, que o casamento de experiência começava a dar tão bons resultados e que era, afinal, tão fácil, fazer dois americanos felizes.

JÚLIO DANTAS.





FUNCHAL

METE-SE a gente para aí em qualquer paquete e vai deslizando rio abaixo, como numa grandiosa gôndola no Grande Canal da doce, melancólica Veneza, onde Musset e George Sand andaram a torturar-se de amor, e os nossos olhos se enchem do verde das margens, onde há gritos brancos dos mármore, das casas e dos palácios, a que o sol, êste claro sol, põe tons de *rouge* e incendia as vidraças, talqualmente como no Grande Canal que repetiu os madrigais de Musset e fez côro com as lamúrias da forte, fraca Georges Sand a choramingar suas ansiedades e inquietações, e passam os Estoris côr-de-rosa, e depois, num arranco para o ar, a serra de Sintra, e estamos na bocarra da foz do Tejo, ruidosa, abrindo abismos para onde o paquete se descaí, erguendo cotoveladas de água que o navio galga e nos desequilibram, e, por fim, o mar, o imenso mar e o céu imenso.

Vamos a caminho da Ilha. E dentro de nós começa já o anseio de chegar. As horas, tôdas iguais, tôdas gémeas, arrastam-se e não se gastam, mas gastam-nos. Maré-cheia de tédio. Imensidade de cin-

zento em tôda a roda. E o cinzento nem grita como o vermelho, nem aquieta como o verde, nem tem a doce melancolia do roxo. Nem mesmo irrita como certas junções de côres. O cinzento é inerte, faz bocejar de tédio, pesa nos olhos, anestesia os sentidos.

E lá se passam aquelas trinta e seis, quarenta e mais horas, arrastando-se

como lesmas, e o paquete balança e trepida, e a gente boceja e olha o ar e olha o mar, até que ao fim de tanta ânsia, o negrume se loriga. É a Ilha, é a Madeira lá ao longe.

Já se bordeja. Distinguem-se picos altos, figuras de gigantes de lendas, talhadas em basaltos e pontos brancos de casitas dispersas e depois amontoadas à roda dos campanários pobres, povoações aqui e além.

Há uma ressurreição dentro de nós.

A hélice do paquete parece que cansou, já não rodopia tão depressa.

Mas dentro em pouco, como num dobrar de esquina que de repente nos pusesse, diante dos olhos, um quadro de incompreensível ilusionismo, volta-se o Garajau, e surge, num deslumbramento de côres, de luz, de formas, a cidade e os seus arredores.

Parece que do alto da Montanha que é rente ao Céu e tem todos os coloridos, o ouro das giestas, o azul das hortências, o roxo dorido das gliefnias, o rubro sanguínio das lurgansflias, o prateado da neve no inverno, o branco dos jarros e dos malmequeres, tudo incrustado no





verde dos pinheiros, das tílias, dos carvalhos, dos fetos arbóreos, dos choupos, dos castanheiros, das palmeiras, alguém de supremo poder e de supremo saber, se pôs a jogar com tudo aquilo, com tôdas aquelas côres, com tanta luz que deslumbra e com tantas linhas em labirinto, e desfolhou, pelas serras abaixo, mãos cheias de beleza que chegou até ao mar. E depois, o homem, deslumbrado, ali se instalou e, — ai da beleza! — entrou a civilização!

E o Funchal é isto mesmo: o despertar estremunhado de um sonho de suprema Beleza, sonhado na embriaguez de côr e luz das montanhas.

O homem, com a civilização da cidade, põe-se detrás de *persianas* e recusa-se, num encolher desmanchado de ombros, a sentir o gôso inaudito duma inaudita beleza.

Mas a beleza tem um poder que a torna sempre vitoriosa. E enquanto andam pelas ruas estreitas, calcetadas a basalto múdo, os automóveis buzinando, e, nos cafés e nos *bars*, os homens se escondem voltando as costas a tanta maravilha de paisagem, os jacarandás florescem, os jardins entoam acordes de côres, pelos muros espreguiçam-se *lurganvílias* e *glícinias*, no ar pairam aromas de açucenas, de rosas, de violetas e de madre-silva, a montanha é sempre um trono que deslumbra, e o mar, quasi sempre azul-cobalto, canta, em *allegro*, as belezas que rodeia.

A cidade do Funchal tem seu ar bisonho. O basalto mancha-a de negro. As casas, de arrebiques em cimento armado, as modernas, são sorumbáticas e ao mesmo tempo pretenciosas.

Mas onde nossos olhos se enchem do encanto de rica arquitectura, é na formosíssima Cathedral. A Cathedral é uma escola de estilos. Mas, ai do homem! que tanto a estragou.

Por dentro, afogou-lhe em tintas as

colunas e os arcos em ogiva. Por fóra, na fachada principal, entalou-lhe uma longa varanda de gradeamento de ferro. E à volta, abafando-lhe as lindíssimas, rendilhadas rosáceas, ergueu sórdidos quiosques, como andrajos envolvendo joias preciosas.

Mas naquele ambiente todo manchado, de basalto e cimento armado, ergue-se majestosa, airosa, luminosa, a torre esguia de onde partem, a certas horas, luzeiros que deslumbra.

É o sol cantando. E a torre da Cathedral é um cântico de sol e sua arquitectura lembra a dos campanários italianos...

O resto da cidade é bisonho e triste, a civilização entalada em ruelas. E que civilização!...

Mas penetremos, um pouco, na vida madeirense. Há os que se aborrecem e os que se divertem. *Os que se divertem* é o título dum livro da encantadora Luzia. Mas *os que se divertem*, de Luzia, não são bem *os que se divertem* na Madeira.

São necessárias três condições para se entrar no mundo elegante, no chamado mundo elegante madeirense: saber beber *cock-tail*, jogar o *bridge*, falar inglês.

Os chás das cinco foram substituídos pelo *Cock-tail party*. E não tem horas certas. Pode começar às cinco horas mas pode prolongar-se até desoras. Saber falar inglês é condição essencial para se poder ter contacto com a população inglesa fixa e com os turistas, nota alegre e desevolta na vida da cidade.

O *bridge*, que fêz furor, está hoje nas mãos dos mais pacatos. Mas é preciso saber-se, pela necessidade de substituir um parceiro e porque a sociedade num *bridge* gera, às vezes, uma sociedade comercial ou industrial.

E os banhos de mar!...

Os banhos de mar são qualquer coisa de marcante, ali pelo meio dia, no Reid's Palace Hotel. É o mais essencialmente cosmopolita da cidade.

Oh! Os banhos do Reid! Exposição de linhas, centro de acrobacias amorosas, motivo para *cock-tails* com tôdas as côres do arco íris, enfim, ponto certo de reunião dos que se divertem, nacionais e estrangeiros, tudo à mistura, à confusão de nacionalidades, e de sexos, e de atitudes, e o *jazz-band*, como num jardim suspenso à beira-mar, vai ajudando freneticamente, epilepticamente, à confusão, e encobre gritos, e abafa conversas, e instiga delírios. E o mar, ora manso, ora resmungão, é o cristal pálido a reflectir todo este labirinto, e, discretamente, púdicamente, vai afagando com suas crispações as peles tostadas do sol, que nele se afundam, para virem depois ao de cima frias, frias, a tiritarem, para que os *cock-tails* lhes dêem um novo *frisson*, e voltarem às acrobacias, à confusão máxima em que entram tôdas as nacionalidades e ambos os sexos, numa encruzilhada tal de corpos, de braços e de pernas, que, de longe, não se sabe a quem pertencem.

Aí estão *os que se divertem!*

Os outros, os bisonhos, os misantropos, arrastam-se pelas ruas, encostam-se, bocejando de tédio, às esquinas e às paredes dos cafés, ou giboiam, à noite, pelas bancadas dos cinemas.

E, entretanto, lá para o centro da Ilha, o *vilão* luta com a rocha para a metamorfosar em terra arável, e súa, e pinga sangue, cantando, a gemer, a sublime epopeia do trabalho.

Ora isto é como eu vejo e penso, e a mim pouco me importa que outros vejam ou pensem de outra maneira.

FELICIANO SOARES



UMA RUA DO FUNCHAL

MODAS ANTIGAS

QUE AINDA HÃO DE SER MODERNAS

Os costureiros inspiram-se nos corpos das mulheres, para criar vestidos, assim como os poetas se inspiram nas suas almas para escrever sonetos...

Esta frase parece roubada a um album de pensamentos, mas não é.

Surgiu-me, quando olhei para estas gravuras antigas de 1875, encontradas numa velha pasta de alfarrabista colecionador de livros, de quadros românticos e de cancioneiros de vestidos...

Pela primeira vez em minha vida, ao contemplar êstes figurinos dum jornal de modas do século XIX, gravadas com uma elegância e uma variedade inimitáveis, senti a poesia dos vestidos que as revistas modernas e os modelos vivos nos passeios-montas do Chiado, nunca me tinham sugerido, até ao momento em que as senhoras resolveram usar saías com tendências para saías-balão.

Pela primeira vez, também, inesperadamente, me apeteceu escrever umas palavras de filosofia fácil sobre modas, — assunto que, dantes, considerava fútil e indigno das minhas preferências, mas que, actualmente, me pa-

rece cheio de poesia e de encanto. Ainda há pouco tempo — imaginem! — não compreendia o interesse das criaturas humanas pelos trapos e plumas, como se as suas verdadeiras almas fôsem os corpos.

A minha opinião sobre êste problema parecia-me definitiva, sem modificação possível.

De vez em quando, até, fazia discursos a amigos desatentos, anatemizando o luxo e a preocupação excessiva pelas sédas e tarlatanas que eu lia nos olhos das mulheres:

— Para elas, o corpo e a alma são apenas pretextos para fatos e chapelinhos! Às vezes, quando as vejo olhar para a

natureza e para as paisagens, tenho a impressão de que tôdas encontram as árvores incompletas por não usarem casacos de sêda e quico... Uma mulher, em última análise, não passa dum vestido com nervos.

Isto dizia eu, com um grande ar sarcástico, mas sem muita convicção, como devem calcular. Fazia frases. Era injusto — por literatura.

O pior é que os meus amigos continuavam desatentos.

Mas, hoje, de súbito, resolvi cair na sinceridade, — depois de ter desco-



UMA GRAVURA PUBLICADA PELO JORNAL DE MODAS PORTUGUÊS «BOUDOIR» EM 1875



UM CHAPÉU DE 1875

berto que isto de manter princípios inflexíveis sobre assuntos mais ou menos anedóticos, é um sinal de velhice.

Só os velhos se agarram assim às suas opiniões rígidas, com os escritores sem imaginação aos temas infalíveis.

Além disso, os trapos, as rendas, as saías, os casacos, não merecem tantos ridículos discursos de protesto.

São os versos, as rimas das mulheres que não fazem versos; os poemas dos homens que não abrem um livro: as únicas frases poéticas acessíveis aos olhos dos pobres, perdidos pelas ruas.

Hoje, tocado pela graça outonal, que adivinho nas fôlhas das árvores caídas, e depois de evocar certos vultos de mulheres do Chiado, com uns chapélinhos inspirados nestas gravuras de 1875, — sinto-me inclinado a considerar a arte de vestir corpos femininos como um trabalho digno de poetas.

Arte fútil? Não sei porquê. Pelo menos tão fútil como a dos desenhadores e costureiros dos guarda-roupas das *féries* e dos bailados, embora julgue mais difícil talhar vestidos para a comédia da vida, equilibrados a sóbrios, do que cair na fantasia das côres dos trajos das revistas.

Imaginar vestidos, afinal de contas, é criar corpos de pano.

A carne, debaixo das sêdas e dos veludos, toma geitos de alma: revela-se apenas num gesto, numa atitude.

Os defeitos dos corpos ocultam-se com

os fatos, como os vícios das almas se escondem com as palavras, os sorrisos e os olhos...

Graças aos costureiros, as mulheres parecem-nos, todos os dias, diferentes. O fenómeno da metempsicose acontece com uma vulgaridade sem mistério. As senhoras possuem nos seus guarda-fatos muitos corpos diferentes, que usam, conforme o tempo, a chuva, o calor, as tendências do seu espírito... No inverno, vestem um corpo de borracha; no outono um corpo estranho, peludo, de casaco de peles. No verão, epiderme de seda, tatuada como os índios dos contos de Texas Jack...

E o seu corpo, de nervos e carne, passa de vestido para vestido, como uma alma migradoira.

*
* *

A graça das mulheres, o sentido da sua beleza, é quasi sempre inventada

pelos costureiros com tesouras de poeta. São eles que dão intensão aos seus perfis. São eles que completam Greta Garbo, tallhando-lhe os célebres «fatos psicologicos», tantas vezes citados pelos criticos. São eles que cingem de veludo preto aquele corpo de loira e lhe enfiam nas mãos as luvas negras até aos cotovelos.

São eles enfim, que tornam a vida comum, nas ruas, nos bailes, e em familia, menos grosseira e mais espiritual, — transformando os corpos, projectando-os para além do tangível, tornando-os mais abstractos e longínquos, bem diferentes da nossa triste realidade masculina!

Graças aos costureiros, existem os poetas, o ideal, a mentira, as paixões de espírito, o amor até ao fim da morte e outros sentimentos, impossíveis de compreender se, enfim, o Chiado, o mundo, fôsem uma imitação do paraíso lendário



MODELOS DE CHAPÉUS PUBLICADO PELO «DOUODIN», EM 1875



FIGURINOS PARA O CARNAVAL. — GRAVURA DUM JORNAL DE MODAS PORTUGUÊS PUBLICADO EM 1875, EM LISBOA

cheio de gente nua, sem mistérios e sem vestidos...

*
* *

Tôdas estas frases românticas foram inspiradas por estas gravuras românticas cheias duma paz outonal e discreta. Mas não me parecem, apesar de froixas, deslocadas.

Como sabem, as mulheres resolveram celebrar condignamente o centenário do romantismo, com uma grande parada de modelós copiados dos figurinos da Imperatriz Eugénia. Os costureiros foram buscar, aos museus, as tesouras do tempo do sr. Napoleão III, obedecendo assim aos seus desejos.

As raparigas, nos intervalos dos *foxes*, tentam plagiar, debaixo de sáias arrastantes, os passos do *cotillon* e os ritmos dos *lanceiros*.

Tomam *coltails* com gestos século dezanove, como se recitassem ao piano. Assistem às partidas dos aviões, com chapéus de plumas de avestruz. Dizem «você» com o mesmo tom de voz antigo, grave, discreto, do tempo em que se em-

pregava o solene «V. Ex.^ª». Guiam automóveis com *migraines* nas mãos. Cantam um *lied* e querem-nos convencer de que estão a recitar ao piano. Dizem versos de Valéry, com os mesmos vestidos, o mesmo ar usado pelas senhoras do século passado, quando contavam a história tristíssima daqueles dois esqueletos do *Noivado do Sepulcro* que iam noivar para a mesma cova, atraídos por uma paixão capaz de fazer chorar as pedras e os ossos...

Vivemos um minuto de romantismo. Romantismo de guarda-roupa, é certo, mas, apesar de tudo, romantismo.

É esta a única razão que justifica os meus comentários, excessivamente fora de moda, quasi a roçar pelo ridículo, sobre as mulheres, intangíveis, distantes, longínquas e outras coisas mais.

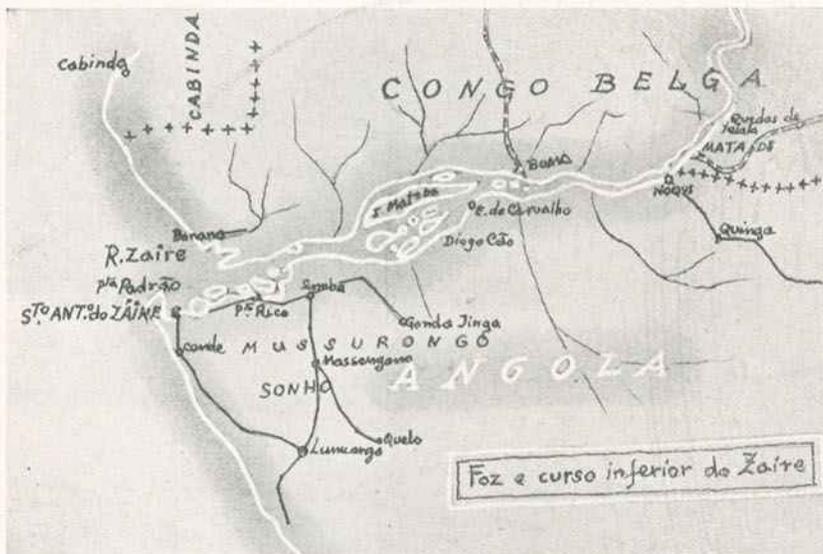
Mas—que querem?—olhando para estas gravuras antigas, esqueci-me do meu jaquetão século xx e tive a impressão de que estava a olhar para o Chiado, através duma janela aberta, um Chiado, à hora dum poente que eu nunca vi, povoado dumas mulheres impossíveis e

irreais, que eu também nunca vi,—o Chiado de amanhã...

E apeteceu-me ser romântico também, apesar da minha gravata de lã verde e preta, e do meu fato contemporâneo pouco acostumado às cortezias do século passado, que os vestidos actuais das senhoras começam a sugerir.

Apeteceu-me viver, por momentos, fora da minha época, nesses tempos que nos acostumamos a considerar apenas ridículos, com grades de conventos, chás em salões sem electricidade e gestos apertados em espartilhos, mas que possuíam um encanto, um bruxedo, uma harmonia que a era do *jazz-band* nunca conseguiu adquirir...

Apeteceu-me viver no passado e viver no futuro. Porque eu estou convencido de que estas páginas de modas de museu, publicadas neste número, ainda hão de ser cuidadosamente consultadas, dentro em breve, por tôdas as senhoras que já trazem nos gestos e no corpo uma nítida tendência para a saia-balão.



A FOZ DO ZAIRE



RAPARIGA DE MAIOMBE

QUANDO OS marinheiros de Diogo Cão, depois de terem dobrado o Cabo de Santa Catarina, começaram a notar a turbulência das águas do mar, logo suspeitaram da existência de um grande rio, no qual efectivamente penetraram de seguida, percorrendo-o até às quedas de Yelala, em cujos rochedos gravaram inscrições referentes à sua passagem.

Camões deixa transparecer claramente a admiração dos portugueses de quinhentos pela grandeza do rio nos seguintes versos:

*Ali o mui grande reino está do Congo
Por nós já convertido à fé de Cristo
Por onde o Zaire passa claro e longo
Rio, pelos antigos nunca visto...*

Por sua vez, o jesuíta Frutuoso Ribeiro, contemporâneo do primeiro governador de Angola, Paulo Dias de Novais, traduz o seu espanto em face da amplitude do estuário, por esta forma: «Este rio he tão grande que se lhe não acha principio na boca que faz quando entra no mar; tem doze léguas de largura e entra no mar com tanto impeto que dez léguas por elle se achão suas correntes.»

De facto, a corrente é fortíssima e o estuário de uma extensão grandiosa. A massa de água barrenta que desce do coração da África, depois de galgar as inúmeras cataratas, quedas e rápidos que estão para juzante de Stanley Pool, jorra nessa ampla bôca com

uma força tão impetuosa, que, no dizer dos antigos, «vinde léguas pello mar dentro se toma agua doce, a qual se pode beber!»

Grande é o rio pelo volume das suas águas, pela beleza do seu largo estuário e ainda pelas riquezas que por elle saem para o mar.

Desde sempre, o Zaire foi procurado pela navegação estrangeira, tendo-se os portugueses esforcado por afastar a sua concorrência. Para tal fim, pretenderam construir a nove quilómetros da actual povoação de Santo António do Zaire, no célebre porto de Pinda, onde depois os holandeses se estabeleceram durante a sua occupação do litoral angolano (1641-1648). Daí os mandou expulsar Salvador Correia de Sá, logo que restituiu a soberania portuguesa em Angola.

A importância da bôca do Zaire, por onde saía em larga escala a escravaria, foi dia a dia crescendo até coorir a *questão do Zaire*, que terminou pela partilha da África, em 1885, resolvida na conferência de Berlim.

Hoje já ao estuário do Zaire vão ter duas linhas férreas belgas; uma da fronteira do nosso Maiombe a Bôma, aproveitando um tráfego que nos devia pertencer, se a tempo tivesse sido construído o caminho de ferro de Cabinda; outra que, estabelecendo a ligação do Zaire com a Catanga (linha do Baixo-Congo a Catanga), desce de Stanley Pool para Matadi, por onde sai para o Oceano parte do cobre daquela riquíssima zona mineira. Mas o porto de Matadi, na margem esquerda do Zaire, está longe de poder dar vazão ao tráfego vindo do interior da África. Já os belgas abriram um canal de dez quilómetros entre a pedra do Feitiço (Emílio de Carvalho) e Palm Point, com o fim de facilitarem o acesso da navegação a Matadi; já estabeleceram instalações complementares no pequeno porto

CHEGADA DE UM VAPORE PORTUGUÊS À BÔMA



de Ango-Ango. E, nem mesmo assim, o Baixo-Congo fica devidamente servido nas suas necessidades de navegação.

Naturalmente, surgiu a ideia de construir uma linha férrea que, percorrendo a margem esquerda do grande estuário, entrincheirasse com a linha belga que termina em Matadi, chamando para a margem portuguesa o tráfego excedente desse porto.

Mas sobre a fiscalização do porto, testada dessa linha férrea, logo surgiram várias opiniões contraditórias: uns queriam o porto em Santo António do Zaire, outros em Diogo Cão (Congo-Iala), outros em Porto Rico... Depois de larga discussão, o caminho de ferro está por fazer e o Congo Português continua sem saída para os seus produtos minerais e vegetais!

A questão, salvo melhor opinião, devia ser conduzida da seguinte maneira: procurar, primeiramente, um entendimento com os belgas, para que a projectada linha férrea portuguesa da margem esquerda do Zaire fôsse por eles aproveitada para parte do tráfego da Catanga e, caso tal entendimento viesse a fazer-se, construir então a nossa linha férrea bordejando a margem esquerda do Zaire até um dos tão discutidos portos de saída. Se o entendimento não pudesse ser realizado, construir-se-ia então a nossa linha directamente do Bembe à bôca do Zaire. Seria uma forma de manter a nossa liberdade de acção, mostrando assim que não repelimos a colaboração de estranhos, antes vamos em sua procura, sem que as suas recusas possam, contudo, influir na execução dos nossos planos.

Na margem esquerda do Zaire, logo à entrada do estuário, ergue-se uma columna de pedra, que substitui o primitivo padrão de Diogo Cão, ali colocado por este em 1482.

As viagens de Diogo Cão, que eram o prosseguimento tenaz das navegações portuguesas no Oceano Atlântico, precederam em pouco a passagem do Cabo Tormentoso. O último padrão foi colocado a 21° 48' sul. Um pouco mais para o sul, e as caravelas de Diogo Cão teriam alcançado o Cabo!

Mas, mesmo assim, Diogo Cão descobriu e explorou a costa africana desde o Zaire, numa extensão de 15° geográficos, e revelou a existência do grande Reino do Congo, cujo potentado visitou, na sua segunda viagem, em Ambasse, hoje São Salvador do Congo.

Aqui começa geográficamente o território de Angola; e a par d'êlo, com a colocação do primeiro padrão, aqui começou igualmente a sua história, que há necessidade de escrever, para por ella se poder avaliar com segurança quanto esforço, quanta tenacidade, quanto tacto, quanto sangue, quantas vidas nos tem custado a obra de alta e humanitária civilização por nós realizada em Angola!

GASTÃO SOUSA DIAS.



A ELEIÇÃO DA RAINHA DAS COSTUREIRAS DE PORTUGAL

A eleição da Rainha das Costureiras de Portugal, iniciativa feliz e triunfante do *Diário de Lisboa*, teve o condão de animar os últimos meses do estio da capital.

Como acontece sempre nestes concursos, houve luta, entusiasmo, rivalidades, mas tudo acabou em bem, vencendo o sorriso encantador da Rainha de Lisboa, a menina Judite Severino, que, entre as palmas dos seus súbditos, subiu ao trono de Portugal, e recebeu das mãos da distinta actriz Lucília Simões a coroa tão desejada.



DE CIMA PARA BAIXO — O actor ERICO BRAGA, ORGANIZADOR DO CONCURSO DAS COSTUREIRAS, APRESENTANDO, AO PÚBLICO DO CASINO DO ESTORIL, AS CONCORRENTES AO TÍTULO. — A MENINA JUDITE SEVERINO, RAINHA DAS COSTUREIRAS DE LISBOA, ESPERANDO A SUA VEZ DE SER APRESENTADA AO PÚBLICO DO CASINO. — A RAINHA DE PORTUGAL E AS SUAS DAMAS DE HONOR. — UM TRECHO DA ASSISTÊNCIA AFLAUDINDO AS RAINHAS. — (Fotos *Hordelo de Notícias*)



O "senhor indiferente"

Vou ter a honra de lhes apresentar um senhor que encontro, todos os dias, nos eléctricos, no comboio do Estoril, na plateia dos teatros, nos átrios dos cinemas...

Trata-se dum cavalheiro imensamente Proteu, que usa mil corpos, mil expressões distintas, mil caras diferentes, apesar de ser sempre o mesmo.

As vezes, parece gordo. Outras, magro. Quando se encosta a uma esquinha, veste fraque e aparenta 40 anos. No comboio eléctrico, usa camisa azul e ainda não tem idade para rapar a barba. Nos cafés, faz versos. Nos cinemas, cobre a calva com um chapéu de côco...

E, em suma, o «senhor indiferente e hostil» que só procura na vida motivos para aborrecimento e tédio.

Nunca falta a uma sessão de teatro para reparar nos cenários mal feitos e nas pernas mais infelizes da corista tal... Se assiste à estreia dum filme começa logo a patear mal surgem, no pano branco, as primeiras legendas explicativas—à procura dum pretexto para poder declarar, no intervalo, a um amigo:—«Felizmente, este filme é uma maçada!»

E quando se assenta, ao meu lado, no eléctrico, vejo-o sempre a folhear, com mãos rudes, o jornal ou a revista, a que daí o sangue das minhas palavras e das minhas ideias...

Nessas ocasiões, sófro como se aquela revista amarrótada fôsse a carne da minha carne, transformada em papel couché.

O seu monólogo de gestos aflige-me. A sua indiferença pelas páginas certas, fere-me. O seu contentamento, quando encontra uma gralha ou um título mal lançado, sufoca-me...

E nunca deixo de encarar com espanto aquele «senhor indiferente» que nunca teve o gesto normal, civilizado, de procurar na vida temas para variações de elogio—obcecado pela ideia de criticar apenas com mau humor e indiferença.

Só vê a parte escura das coisas. Quando olha para as flôres, lembra-se sempre do estuame. Se fala do sol nunca se esquece de citar os ataques de insolação. O tom verde do mar sugere-lhe a côr dos afogados...

...Então, cansado de encontrar, tantas vezes, esse senhor no meu caminho português, no teatro, nos átrios do cinema, em tôda a parte, apeio-me do eléctrico e corro para casa, para me fechar à chave e ter a impressão de que emigrei.

JOSÉ GOMES FERREIRA.



Gosta de si?

É uma verdade incontestável, desde que o homem habita a superfície da terra, que ninguém vive contente com a sua sorte. Todos gostavam de ser como não são, ter o que não têm, fazer o que não fazem. O magro queria ser gordo, o gordo queria ser magro; o alto preferia ser baixo e vice-versa. Raros são aqueles — e mais raras aquelas — que se conformam com o físico que possuem: «Ah! se eu tivesse mais cinco quilos de carne... se o meu nariz não fosse tão arrebitado... se as minhas pernas não fossem tão magras...»

Daqui se pode concluir que estamos todos trocados. Dir-se-ia que um deus mitológico, funcionário superior de Júpiter, tem por divertimento encargo embaralhar à nascença as partes componentes do físico dos mortais.

Pois bem, a *Ilustração* incumbiu-me de contrariar a brincadeira do tal deus mitológico, desfazendo os puzzles, pondo tudo nos seus lugares, segundo a vontade das nossas estrelas insatisfeitas.

O processo é muito simples: Basta que todas me confessem o que gostariam de ter das suas colegas e o resto fica por nossa conta. Montámos num cantinho da nossa redacção uma espécie de laboratório de *faz-ludo*, que já começou a funcionar.

Procuerei ontem no *Variedades* a actriz Satanela e disparei-lhe, à queima-roupa, esta pergunta inesperada:

- Gosta de si?
- Mas que ideta! Pois está claro que gosto!
- Então, não inveja nenhuma qualidade de qualquer das suas colegas?
- Espere... deixe-me pensar... o gênio da Adeline Abranches e a alegria da Beatriz Costa.
- Mas eu refiro-me às qualidades físicas...
- Ah! Isso não. Eu gosto das minhas imperfeições. (O leitor acredita? Nem eu).
- Seja sincera: Olhe que é para ser bem!...
- Não gostava de ter a boca ou as pernas de...
- Satanela pensou um momento e depois, com um sorriso, respondeu-me:
- A cara do Francis!
- Mais nada?
- Mais nada.

Como estão vendo, foi feita a sua vontade. Mas se ela quizesse ser um bocadinho mais sincera...

ROGÉRIO MENDES.

de **Atirações**

TAPETE ROLANTE

À margem do congresso... No pátio interior do palácio de S. Miguel, na noite da visita ao bairro de Alfama, desfilarão algumas marchas aux flambeaux, que os congressistas admiraram das varandas.

A certa altura, um popular atravessou o pátio a correr, seguido dum guarda republicano, de carabina no ar, pronto a explicar-lhe com a coronha da dita os inconvenientes duma desobediência à *ótordade*.

Grande confusão, a marcha desfeita, gritos aflitivos de mulheres e uma expectativa ansiosa da parte dos espectadores estrangeiros.

Então, um dos organizadores do Congresso, com o intuito louvável de fazer passar a desordem por *chiqué*, debruçou-se duma janela às palmas, gritando, frenético, com muitos acentos circunflexos nos *oo*: Bravó! Bravó!

E foi um êxito, porque a maior parte dos congressistas seguiram-lhe o exemplo e aplaudiram a sinceridade com que os populares representaram aquela cena difícil...

Cá fóra, no largo, o entusiasmo era indiscutível. O povo, apinhado defronte do palácio, recebeu os congressistas, à saída, com palmas e vivas ao Congresso, aos estrangeiros, à República portuguesa e... ao Sport Lisboa e Benfica!...

carroussel

GARANTEM-NOS QUE O STUART CARVALHAI VAI ORGANIZAR, DENTRO EM BREVE, UMA SEMANA ESPECIAL DESTINADA A OBTER UM ÊXITO SUPERIOR AO DA SEMANA DA UVA: A SEMANA DO «SUMO DA UVA».

JULGAMOS OPORTUNA A PUBLICAÇÃO DUMA LEI PROIBINDO O USO E O ABUSO DA FRASE DO TÍTULO DA PEÇA DE PIRANDELLO «UM SONHO... (MAS TALVEZ NÃO...)», PARA O NÃO ESTRAGAREM...

POR AMOR DE DEUS, NÃO TRANSFORMEM ESSA «TROUVAILLE» NUMA CANÇÃO DE REVISTA QUE TÓDA A GENTE ASSOBIÁ...

No «Central», durante a exibição do filme *Douro*,—que o crítico francês Vuillemoz declarou ter sido, como realização, a estreia mais auspiciosa que tinha visto—alguns espectadores, com uma lamentável incompreensão, ameaçaram patear.

Pirandello, inclinando-se para trás, perguntou a um dos portugueses que o acompanhavam no camarote:

—Porque estão a bater com os pés?

—Porque não gostam.

—Mas o filme é muito bom!

—É verdade, mas não gostam...

E Pirandello, com o ar de quem acaba de reconhecer uma classe (talvez a lembrar-se do que aconteceu a algumas das suas melhores peças):

—Ah! São os idiotas!...

A cena passa-se no foyer do teatro Nacional, depois da representação de *Um sonho, mas talvez não*.

Entusiásmo, palmas, fotografias e abraços. O mestre, já com o colar de S. Tiago pendurado ao pescoço e rodeado de críticos e admiradores, louvava o trabalho dos intérpretes.

Cristóvão Aires, que estava no grupo, puxou por um braço o actor Samuel Diniz e depois de o abraçar violentamente, disse-lhe: —Vou pedir ao Pirandello um retrato para ti, com uma dedicatória estupenda!

Samuel Diniz ficou radiante:

—Tu fazes isso ao teu amigo, fazes? Meeces um beijo!

(E deu-lho mesmo...)

O rapaz de Alfama Há dias, entrou aqui na redacção um rapaz, tímido e vagamente estrábico.

—Que deseja?—perguntou-lhe um dos nossos camaradas, encarando o pobre rapaz, triste, barba por fazer, gestos plebeus, mas, apesar de tudo, simpático.

O nosso visitante, depois de moer umas frases misteriosas, explicou:

—Eit sou de Alfama. Sou aquele rapaz a quem o sr. Martins tirou a fotografia quando me apanhou a dormir no degrau duma escada,—fotografia publicada no último número. Deixa-me vêr? A rapaziada do meu sitio não fala nontra coisa.

Mostrámos-lhe o número. O rapaz contemplou-se em silêncio. Depois, com um sorriso muito contente, muito alegre, «por trazer o retrato nos jornais», tirou da algibeira um lápis e um pedaço de papel sujo, e pediu-nos:

—Dão-me licença que copie estas palavrinhas que escreveram a meu respeito? Dão?

O maroto acabou por levar um número de graça.



JORNAL LUMINOSO

João Gaspar Simões, um dos directores da simpática revista «Presença», tem a imprimir nos pretos da Imprensa da Universidade de Coimbra um livro de ensaios críticos que se intitula «O Mistério da Poesia».

A edição, da Imprensa da Universidade de Coimbra, deve estar concluída em Novembro.

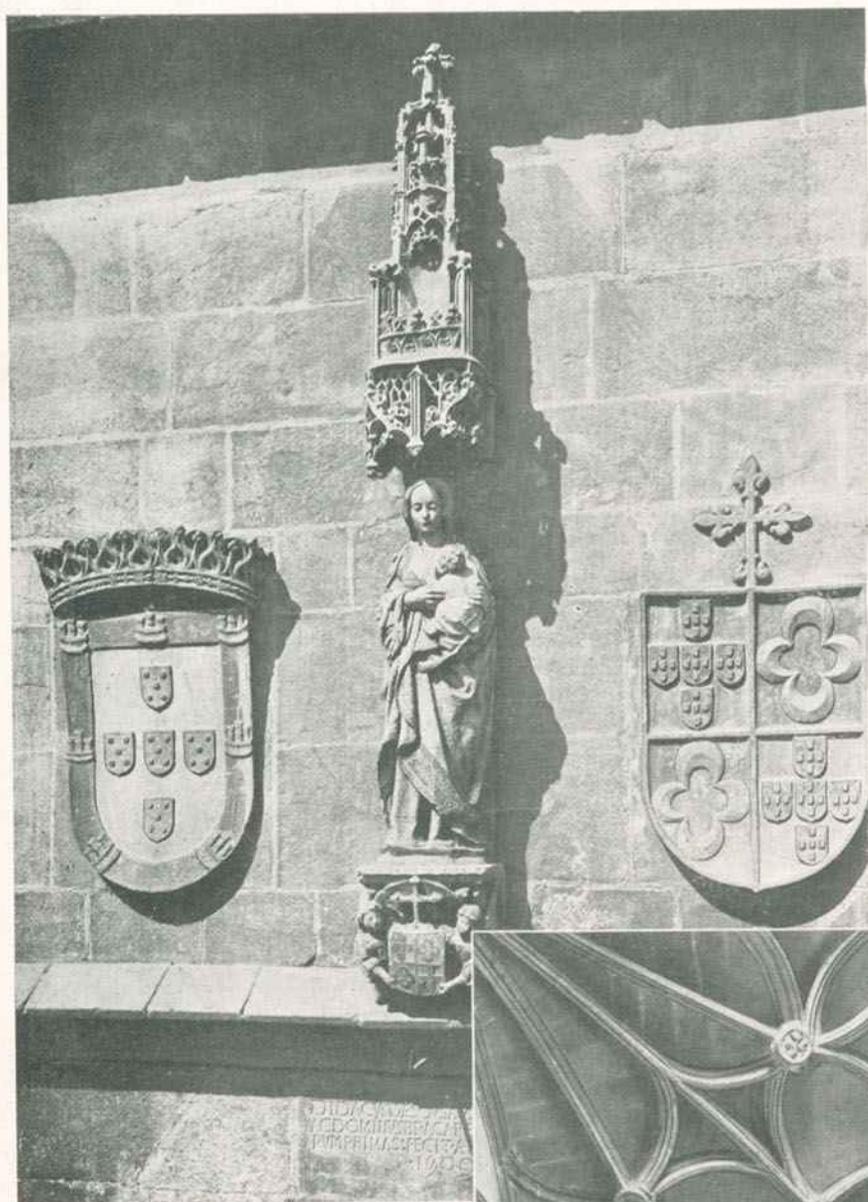
—E da mesma casa editora o livro de esboços de ensaios críticos «Geografia Literária», de José Osório de Oliveira, a sair em Outubro, com um prefácio do dr. Joaquim de Carvalho.

—A revista «Presença» anuncia para breve a publicação duma «Antologia da Nova Poesia Portuguesa» e das «Obras completas» de Mário de Sá Carneiro.

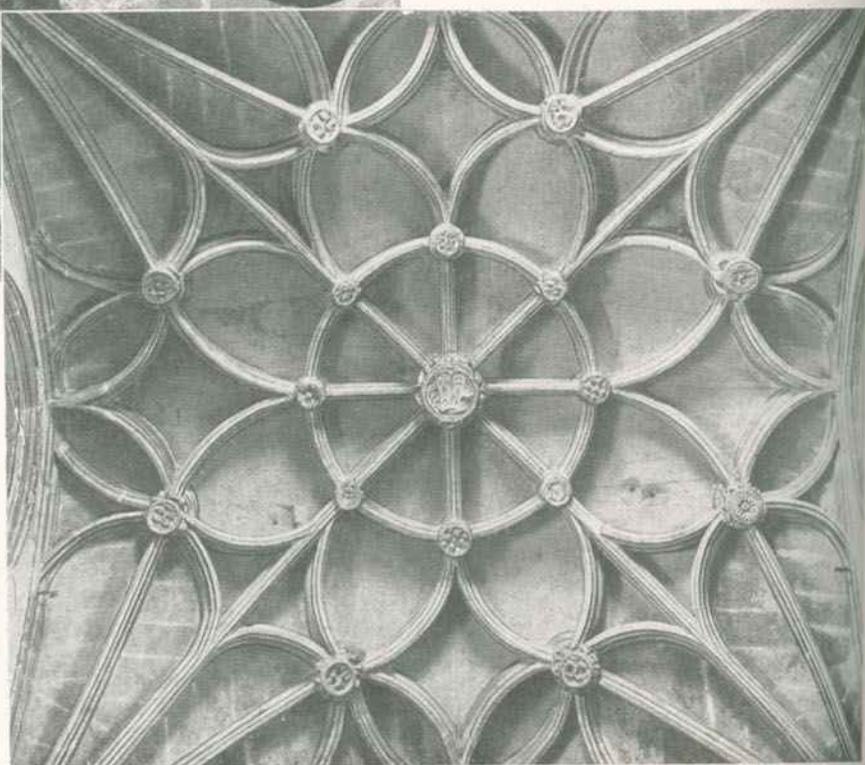
—É muito provável que no próximo inverno seja posta em cena, num dos melhores teatros da capital, uma peça num acto do poeta António Botto.

—O antigo jardim de inverno do São Luís vai ser transformado em «bar-dancing», segundo um projecto do arquitecto Cottinelli Telmo.

A SÉ DE BRAGA



ESTÁTUA DE SANTA MARIA DE BRAGA

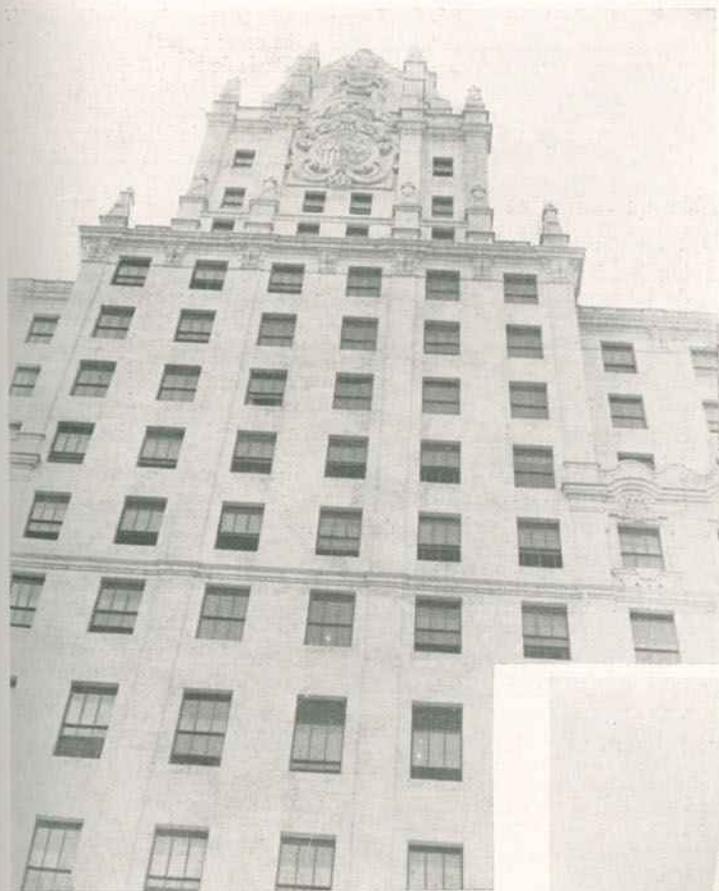


NA Sé de Braga, que é um dos mais belos templos de Portugal, existem algumas estátuas verdadeiramente admiráveis.

Em primeiro lugar, a imagem em pedra de Santa Maria de Braga, considerada como a mais notável escultura, da arte gótica, conhecida em Portugal; depois, a estátua de Nossa Senhora do Leite, que se encontra na absida da Capela-mór, — maravilhas em pedra, que Marques Abreu fixou nas admiráveis fotografias que publicamos nesta página.

ESTÁTUA DA NOSSA SENHORA DO LEITE. — ABÓADA DA CAPELA-MÓR DA SÉ DE BRAGA — (Fotos Marques Abreu)

Arranha-céus de Madrid



que veem, geladas, chicoteantes, do frio Guadarrama, neste período outonal e melancólico. Se os *buildings* madrilenos fossem assim estirados, cinzentos e lúgubres, estariam demais na capital espanhola. O espanhol sempre *castizo* mesmo sob o *jersey* listrado da moda, a *chica* de Madrid, sempre *chica* e sempre de Madrid, que não dispensa o grão de mostarda de um *schottis* entremecendo e dando paladar aos *charlestons* da moda, não teriam adoptado o «*arrascielos*» se ele fosse assim um grito lúgubre, um piar de coruja a rasgar a sinfonia magnífica da alegria da cidade «*del oso y del madroño*» à beirinha da jocunda e gritante pradaria de San Isidro das

NESTE debandar de *verbenas*, outonal e melancólico, quando os primeiros ventos frios do Guadarrama veem açoiar, em arrepios, os braços nus das lindas mulheres de Madrid, surgem, por sobre a «cidade alegre e confiada», as primeiras cordas de água chicoteantes, a zebra de verdosidades os *arranha-céus* da capital castellana.

Porque Madrid é, em quilometragem e afecto, a cidade mais próxima de Lisboa que possui esses alardes de engenharia e arquitectura de nome paradoxal porque, tal qual as vozes de muitas gentes conhecidas, os *arranha-céus*... não chegam ao céu.

Não se pense, no entanto, que estes edificios magros, por via de regra tristes e cinzentos, taboetas aflitivas da redução da humanidade a prateleiras e a somas estiradas, são em Madrid tal qual os magestos *buildings* das grandes urbes americanas do norte.

Não! O *arranha-céus*, de linhas invariáveis, sem preocupações de estética, como lápis gigantescos corroidos por milhares de bichos do caruncho, que são indivíduos desta formosa humanidade em pleno progresso, o *arranha-céus yankee* para-lepédico, em metal ou fibra, ou cimento vertebrado a aço, não é o *arranha-céus* fantasista de Madrid.

A linha inflexível, serena, sêca, digamos fleugmática, que faz com que o *building* americano se sinta feliz, *in the right place*, na vida sêca, monótona, geométrica, dêsse hediondo país de *bluff* que é a Federação Norte-Americana, não podia ser, não é, a linha dos *arranha-céus* deste Madrid jocundo, alegre e fantasioso, mesmo sob as cordas de água



EM CIMA: UM «ARRANHA-CÉUS» DE MADRID — EM BAIXO: O EDIFÍCIO DE «LA UNION Y EL FENIX ESPAÑOL» — (Fotos Orriós)



A «CALLE DE ALCALÁ» VISTA DO MINISTÉRIO DA FAZENDA — (Foto Orrios)

romarias e dos caprichos que Goya pintou. E como o *señorito* e a *chica* de Madrid, não querem que se rompa o encantamento do seu casticismo, e não querem também deixar amodorrado e sonolento, no vertiginoso caminhar dos tempos, o seu querido burgo rutilante, alantejoulado, sentiu a necessidade de modificar o *rascacielos*, o *building*, convertendo-o à sua sensibilidade. E como é impossível volver um monstro de ferro num mimo gracil como pomba voadora e

Sobre a carcassa imponente, quinze, vinte, e cinco andares, espalhou o arquiteto, ao sabor da sua inspiração, um compêndio de ornatos caprichosos, quasi sempre a roçar o redículo, como um toiro feroz vestido com o traje de *lucres* gracil do toireiro esbelto. Há *rascacielos* com colunatas dóricas, há monstros que nasceram *yankees* e vestem de chale e mantilha como cupletistas, há outros ainda salpicados de volutas e conchas a chorar de saúdades do barroco e ainda

rufante, adoptou o madrilenho a solução de mascarar o *arranha-céus*. Inspirou-se na eloquência da tábula e vestiu decididamente o lobo com a pele do cordeiro.

Por dentro, o monstro é igual; sinistra aglomeração de gente que trabalha e sofre, babel de dôres e humildades num cenário de milionarismo de cinema. As mesmas prateleiras, os mesmos buracos, onde um mundo de entes que foram humanos e agora são vermes desta ingente podridão do negócio, se agita, sobe, desce e cospe os pulmões pelos patamares reluzentes, dia e noite de uma luz de vidro que faz sentir, à altura de vinte andares, a asfixia das minas de hulha, mil pés abaixo da boca do poço de entrada.

Mas se, por dentro, a escura tragédia se desenvolve com os seus matizes universais, por fora, tudo é capricho e fantasia no *arranha-céus* madrilenho.

alguns que se toucam de cúpulas e estátuas de fôlha como se pertencessem à Exposição de Paris de 1900. Há de tudo, um Carnaval completo de risonhas máscaras esguias e magras, a deixar passar pelos farrapos rutilantes de lantejoulas algum osso descarnado cravado a rebites de ferro.

E é talvez por causa desta mascarada pagã que os *arranha-céus* de Madrid são, neste país católico, como as vozes de muitos: que não chegam ao céu. Mais próximo do céu baixo e chuvoso, neste outono melancólico em que o Guadarrama sopra os seus primeiros bafos gelados, está decerto a humilde cúpula rendilhada das Calatravas, leve como espuma, e envergonhada, triste, triste, entre os círios pintalgados que a rodeiam, erguidos também aos céus os seus corpos metálicos, travestidos peccadoramente de fantásticos *costumes* de panadeira...

Madrid, Outono de 1931

AMÂNCIO CABRAL.



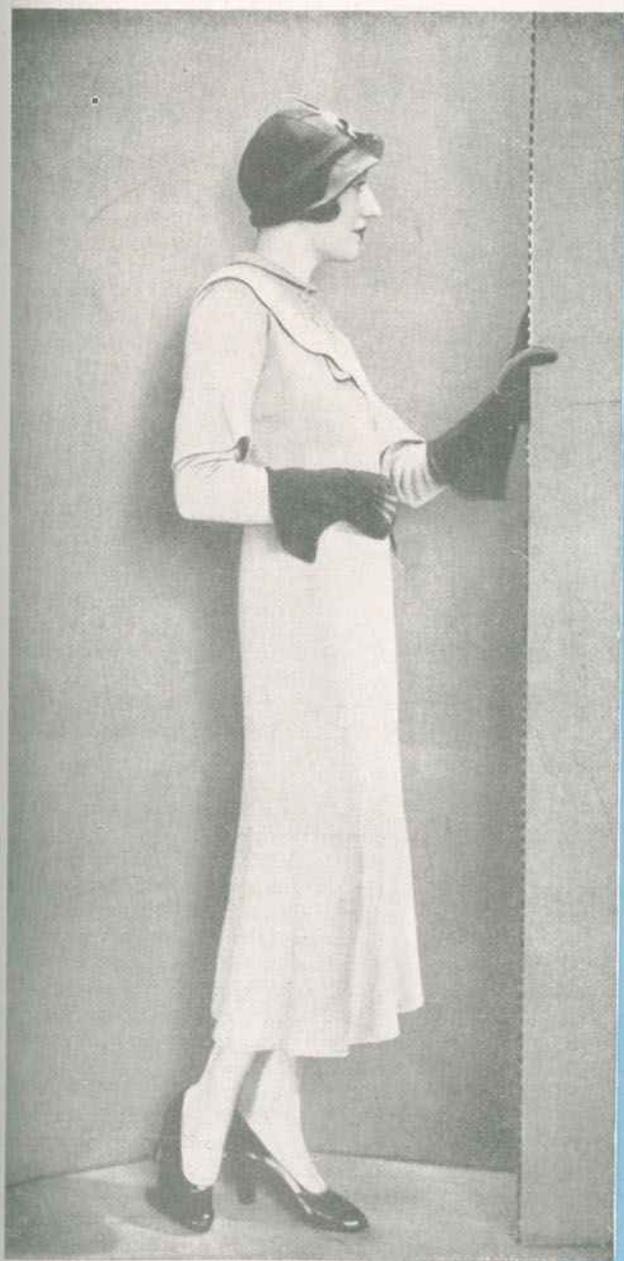
VISTA DOS TELHADOS DE MADRID — (Foto Orrios)



UM «ARRANHA-CÉUS» DE MADRID — (Foto Orrios)

ILUSTRAÇÃO

feminina



O CALENDÁRIO AFIRMA, CATEGÓRICO E OFICIAL, A MORTE DO VERÃO, ESSA ESTAÇÃO PRÍVOLA DAS PRALAS E DOS PIJAMAS AO AR LIVRE...

CHEGOU O OUTONO, MINHAS SENHORAS, ESSE PRÍNCIPE CANTADO PELOS POETAS, QUE ARRASTA PELAS RUAS MANTOS DE FÓLIAS SÉCAS. VAMOS AGORA GUARDAR, NOS ARMÁRIOS, OS VESTIDOS LEVES, AS BOINAS FÁCEIS E OS «MAILLOTS», PARA COMEÇAR A USAR OS MODELOS DISCRETOS E ELEGANTES QUE PUBLICAMOS NESTA PÁGINA, — ÚLTIMA MODA DO PARIS OUTONAL.

A OPINIÃO DA ILUSTRE ESCRITORA FRANCESA VIRGINIE HERRIOT SÔBRE PORTUGAL



A DISTINTA ESCRITORA VIRGINIE HERRIOT

Ha quasi dois anos que tive a felicidade, a sorte de ir a Portugal na minha *Ailê*. Dois anos já! Conservam-se em mim tão vivas as recordações desta admirável viagem, do agradável convívio com os meus amigos portugueses, que, enquanto escrevo estas linhas, tenho a impressão de que os tenho ainda à minha volta, de tal modo os sinto perto do meu espírito e do meu coração. Que calorosa recepção, que amigos entusiastas! Levaram-me no meu barco a alma e o pensamento da França e foi à França primeiro, que se ofereceram, generosos e atentos, a alma e o pensamento de Portugal. Depois foi para mim que se voltaram tôdas as atenções, tôdas as gentilezas e ainda hoje me sinto docemente comovida ao pensar nas alegrias que me pro-

porcionaram êsses curtos cinco dias que passei no encantamento duma rara hospitalidade, com a satisfação completa dum belo dever útilmente cumprido.

Como poderei, em poucas linhas, falar-lhes, queridos amigos portugueses, dos banquetes e das festas dadas em minha honra, da simplicidade de alto estilo com que me receberam o vosso Presidente (que em seguida visitou o meu barco), da calorosa simpatia de que me rodearam os ministros dos Negócios Estrangeiros e da Marinha e das cordiais recepções que me foram feitas na Câmara Municipal e na Estufa do Parque Eduardo VII; na affectuosa solicitude dos presidentes da Sociedade de Geografia, dos Clubs Marítimo, Náutico, Olímpico, Liga Naval e das Sociedades Spor-

tiva e de Salvamento, na amabilidade e no interesse do Encarregado de Negócios em Portugal na ausência do ministro de França?

Como hei de falar-lhes das minhas visitas aos museus onde o bom gosto artistico se revela, com tanto brilho e tanta firmeza; do encantamento, que os meus olhos não esquecem, dos vossos belos jardins carregados de perfumes, das minhas impressões, das minhas observações no decorrer destas horas encantadas que me deixaram tôda impregnada dessa luz espiritual que, a cada passo, deslumbrava?

Que encanto se evolava de tôda essa atmosfera tão próxima dos meus pensamentos, em que se sentia, é certo, o desejo caloroso de acolher uma Francesa, forçando-a a guardar na memória uma recordação eterna de Portugal, mas em que, acima de tudo, se aliviava o desejo de festejar, de tôdas as formas, a mulher-marinheiro que viera trazer à marinha de Portugal a homenagem da marinha de França!

Foi realmente como marinheiro que os visitei, meus amigos portugueses, como marinheiro que lhes disse, na Sociedade de Geografia, a nossa estima francesa, como marinheiro que senti quanto era profunda a vossa compreensão das coisas do mar e da marinha.

Descendentes dos maiores navegadores da História do mundo, os portugueses souberam ouvir-me como sabem ouvir aqueles que trazem em si o fogo sagrado e compreendi então que tinha na minha frente, os dignos descendentes dos grandes percursores.

É hoje, queridos amigos, que lhes restituo, com tôda a minha gratidão, as vossas flores e os vossos aplausos.

Aspirantes de marinha, calorosos e alegres, não esqueço a vossa visita à minha *Ailê*. A vossa companheira de armas sente-se orgulhosa por ter respondido às vossas aclamações fazendo subir e descer, no mastro da *Ailê*, a bandeira tricolor, e assegura-lhes que, de longe, segue com interesse e confiança as promessas que viu nos vossos claros olhos de marinheiros.

Amigos do Club Náutico, do Club Olímpico, estendo-lhes as mãos cheias de gratidão e não esqueço que lhes devo a organização dêsses instantes que hoje me parecem um conto maravilhoso.

Lisboa, Sintra, Estoril, inscrevo-os, para sempre, no Livro de Ouro das minhas horas mais belas.

Estufas perfumadas, palácios magníficos, parques cuja flora é um deslumbramento para os olhos, museus de alta cultura e de arte incomparável, sois, pelo culto que vos dedico, um momento maravilhoso da minha vida.

Ficarei eternamente grata à evocação dos belos momentos que deve àqueles que me proporcionaram esta alegria.

A Portugal, e aos Portugueses que são a sua glória e o seu orgulho, não me cansarei nunca de repetir o meu amor e a minha fidelidade.

VIRGINIE HERRIOT.

Pombo-correio

O V CONGRESSO INTERNACIONAL DA CRÍTICA Não, *Portuguesinha da gema*, não foi por ignorância nem por esquecimento que a comissão organizadora do V Congresso da Crítica não levou os congressistas a Évora, a antiga capital dos romanos. Évora, com as suas ruas de outras eras, o seu templo de Diana, a sua Sé e os seus conventos, não poderia nunca ser esquecida. Mas nem sempre é possível transformar os sonhos em realidades e a ida de setenta congressistas ao Alentejo, em pleno Setembro, era, de facto, temível realidade. Não... Os portugueses que organizaram o Congresso não esqueceram Évora como não esqueceram a Praia da Rocha, uma das mais lindas praias da Europa, como não esqueceram as Portas do Sol, *Amiga de Santarém*, como não esqueceram tantas outras belezas da nossa terra... Simplesmente, a certa altura do sonho a realidade cortou-lhes as asas e, para não cair, viram-se forçados a aterrar...



TEATRO MODERNO Porque não se representou uma peça portuguesa, moderna, na festa realizada no Teatro Nacional em honra dos membros do Congresso da Crítica? Simplesmente porque não apareceu nenhuma no concurso aberto pela comissão organizadora do espectáculo. Nenhuma. Apareceram muitas peças encantadoras, fortemente românticas, docemente líricas, enternecidamente burguesas, mas nenhuma que pudesse convencer a crítica internacional da existência dum teatro moderno em Portugal. Porquê? Porque, de facto, em Portugal, não há teatro moderno. Lembra-se daquela tentativa do Teatro Novo, dirigido por António Ferro, na sala do Tivoli? Representaram-se ali duas peças de renome internacional: *Uma verdade para cada um*, de Luigi Pirandello, e o *Doutor Knock*, ou *O triunfo da medicina*, de Jules Romains. Qualquer destas peças teve longa e brilhante vida em Paris, em Roma, em Londres. Em Portugal sabe o que aconteceu? Ao fim de três espectáculos, não se encontrava já quem quisesse vê-las, mesmo de graça. E note que a interpretação destas peças foi justa, certíssima, mesmo brilhante. Como quer, pois, que surja, em Portugal, teatro moderno, teatro europeu, teatro do século XX? Gil Vicente, infelizmente, não se repete em todos os séculos.



OS LIVROS E AS RAPARIGAS

Que quer que lhe responda, rapariga elegante do Estoril? Vocês, as de menos de vinte anos, não gostam de ler e nem sequer escondem essa aversão que lhes parece bem. Para vocês o escritor é menos que o tenista e muito menos que o dançarino. Que livros quer que lhe aconselhe? Proust? Você não teria sequer paciência para lhe abrir as páginas... Morand? Isso, sim! Morand é um imprudente que acaba de confessar num artigo de *magazine*, que não passa dum burguês, que não sabe dançar e que detesta os palácios e o mundanismo. Cocteau? Girendoux? Delteil? Vocês não gostam de puxar pela cabeça, por causa, talvez da *mise-en-pli*... Bérard? Não... É mais agradável, mais cómodo, mais *à la page* viajar no cinema... Octave Feuillet, George Ohnet? A *Vida dum rapaz pobre*, o *Maître de Forges*? Nem sequer estes.

Vocês que têm tódas as liberdades já não acreditam em amores contrariados. Vocês para quem o amor é um *dize tu, direi eu* desportivo como um torneio de *golf* e refrigerante como um *cock-tail*, vocês já não acreditam em amores infelizes. Que livros quer que lhe aconselhe? Não, decididamente, não oso dizer-lhe tudo o que penso: continuei a decorar, nos *magazines*, a vida movimentada de John Gilbert ou de Ramon Novarro e deixo para os outros, para os que não sabem dançar, para os que não sabem sequer flertar, o prazer voluptuoso da leitura.



O CONCURSO DAS COSTUREIRAS

Os concursos de beleza estão em moda. Há um dilúvio de estrelas, de cidadãs e de *misses* no Novo e no Velho mundo. Portugal, para não ficar atrás, promoveu um concurso, com júri e tudo, destinado a eleger a mais linda costureira de Portugal. Vieram caras bonitas das oito províncias do continente: cabelos sedosos, bocas do Minho, perfis suaves de Trás-os-Montes, peles assetinadas, dentes impecáveis do Douro, caras saudáveis das Beiras, olhos nostálgicos da Estremadura, perfis ciganos do Alentejo e olhos negros do Algarve. Tódas bonitas e tódas simples. Vestidos baratos e poucas tintas. Um ramo de raparigas perfumadas de alfazema e rosmaninho. Envergonhadas, tímidas, não sabiam transplatar para o palco os passos que dão na vida. Mesuras de outras eras, falsas atitudes de *estrelas*, passinhos de *modêlo* traduzidos em português, beijos pouco cinematográficos para o júri e para o público, mas tudo isto salvo, felizmente, pela graça incontestável da mocidade.

Fiz parte do júri por meu mal e digo por meu mal porque, ao ter de escolher uma, o

júri descontenta em. E às vezes injustamente. Injustamente, mas não por espírito de injustiça. Mas não é fácil descobrir, numa hora, entre cem concorrentes, os olhos mais bonitos, a boca mais fresca, a pele mais avermelhada, os cabelos mais sedosos. Há belezas que falam alto e outras que falam baixinho; há belezas fotogénicas e outras que vivem do pormenor; há caras vistas, que saltam aos olhos e outras que é preciso descobrir pouco a pouco.



«COCK-TAILS»

Recetas de *cock-tails*? Nada mais fácil. Em qualquer livro de culinária as pode encontrar. De resto o *cock-tail*, que é uma combinação de líquidos, depende, como o ramo de flores que é uma combinação de corolas, da fantasia de cada um. Fazer *cock-tails* por receita é um erro. Cada um deve ter o seu *cock-tail*, o *cock-tail* que seja a síntese das suas preferências. Assim como as mulheres escolhem minuciosamente o vestido, as luvas, os chapéus que lhes ficam bem, assim os homens (e as mulheres...) devem escolher o *cock-tail* que mais lhes convém. Há quem os prefira doces, há quem os prefira suaves, há quem os queira detestavelmente amargos. Mas o melhor de todos os *cock-tails*, o meu *cock-tail*, é feito de sumo de frutos, sumo de laranjas, de uvas, de pêras, de ananaz e de limão, um pouco de Pôrto, um pouco de gin — muito pouco — e gelo, muito gelo. Num dia quente este *cock-tail*-pomar, sabe a sol, a fonte, a primavera e a flores.



«OS HOMENS PREFEREM AS LOIRAS»...

Porque é que os homens preferem as loiras? Sei lá? De resto eu não acredito que, de facto, os homens prefiram as loiras. Os homens preferem a mulher que os prefere, sem distinção de cores. Entre uma loira esquiva e uma morena arisca, o homem prefere, quase sempre, a ruiva sentimental que lhe dá atenção.

Anita Loos, de resto, não consegue provar coisa nenhuma nem sequer explicar o título do seu livro no decorrer da acção. O título deste livro não é mais do que um réclame à americana. «Os homens preferem as loiras?..» Talvez... «Mas casam com as morenas...» é a própria Anita Loos que o confessa num segundo livro que é a continuação do primeiro.



A C T U A L I D A D E S



A «SEMANA DAS UVAS» NÃO INTERESSOU APENAS AS CLASSES RICAS QUE COMPRARAM AS UVAS MOSCATEIS DE SETÚBAL NAS FRUTARIAS DA MODA. O POVO TAMBÉM DEU A SUA COLABORAÇÃO A ESSA SIMPÁTICA INICIATIVA, COMO FODEM VERIFICAR, CONTEMPLANDO ESTE INSTANTÂNEO. — (Foto «Diário de Notícias»)



A INICIATIVA DA REALIZAÇÃO DA «SEMANA DA UVA», QUE TANTO ENTUSIASMO DESPERTOU EM PORTUGAL, FOI COROADA DO MAIOR ÊXITO. Nesses dias consumiram-se em todo o país MILHARES E MILHARES DE QUILOS DE UVAS, AS PERFUMADAS UVAS PORTUGUEZAS, QUE OS MÉDICOS CONSIDERAM EM RE-
MENTO IDEAL. — (Foto «Diário de Notícias»)



ROSA ARCINTEGA, A ORIGINALÍSSIMA ESCRITORA MODERNISTA SUL-AMERICANA, CUJO ÚLTIMO LIVRO, «ENGRANAJES», OBTVE UM TRIUNFO ENORME



CHEGADA À MÉTA DE JOÃO FRANCISCO, UM DOS CORREDORES DA II VOLTA A PORTUGAL EM CICLOTA, GRANDE PROVA ESPORTIVA QUE FOI GANHA POR JOSÉ MARIA NICOLAU. — (Foto «Diário de Notícias»)



UMA FOTOGRAFIA HISTÓRICA. A PASSAGEM PELOS AÇORES DO AEROPLANO EM QUE O NOSSO HERÓICO COMPATRIOTA CORIA VEIGA, JUNTAMENTE COM DOIS ALÉMS, TENTOU A TRAVESSIA LISBOA-NOVA YORK

Mocidade!
Beleza!
Alegria!



Estas três palavras mágicas podiam, muito bem, servir de rótulo, um rótulo colorido, onde os arquivistas do tempo guardassem, ávaramente, um perfume raro, subtil, resíduo delicioso, resumo da vida que passa. E no verbete do catálogo podiam escrever, apenas, estes algarismos evocativos 1-9-3-1... 1931!

1931 é o ano da mocidade. É neste ano que a mocidade, em vez de ser um dos extremos, o primeiro, daquela escala colorida, litográfica que havia na casa de jantar das nossas tias velhas, passa a ser o centro da escada; o centro da vida que se desloca para a esquerda, para o princípio. Para traz fica uma doce inconsciência de bebês, para a frente, marchando para o fim, uma rima de fôlhas de calendário em que os dias, os meses, os autos, se amontoam, abafados, num angustioso montão. E no final, uma fôlha negra...

1931 é o ano da mocidade e da beleza. Nunca, até este ano da graça, se viram raparigas mais graciosas. É um prodígio. É uma florção. É uma primavera de todo o ano. O ano que passa é o início da primavera dos



tempos. Vai começar agora?... É entrar, meus senhores e minhas senhoras!... O espectáculo é de graça... de graça e de beleza!... Lisboa está vivendo sem truques, nem *mastigalas*, o seu pleno 1931?... É entrar, meus senhores!...

O que dá beleza às mulheres? Será a mocidade, será a alegria?... E o que lhes dará alegria senão a própria mocidade, senão a própria beleza?... E não é moça, jovem, eternamente, toda a mulher bela?... Não terá ela, na sua alegria, a própria água de Juventude? Mocidade, alegria, beleza... são estas as três graças do novo pagamismo de 1931, a quem o pastor tem que dar o prémio, um pomo de ouro ressumante, que confere a supremacia entre as formosuras... Se neste quadro rubescendo eliminarmos as anatomias fartas em desuso e substituírmos o pomo por uma faça teremos o painel da época: «Miss 1931...» e ao fundo estará Galveston ou Paris...

Na minha mocidade usou-se... Marinetti. E fomos jovens e alegres, mas talvez não tivéssemos atingido a beleza. Preocupou-nos demasiadamente o cérebro e a alma. Não tivemos o nosso triunfo imediato.

Na mocidade da agora usou-se... o *maillot*. E é dele o triunfo fácil, pela mocidade, pela alegria e pela beleza. Beleza do corpo são, em pleno bailado desportivo, livre, sob o sol magnífico, sempre belo, sempre alegre, sempre moço, das areias doiradas do litoral português... Quão longe está o teu triunfo do martírio intelectual da minha geração!... 1914-1931!...

Mas é com orgulhosa vaidade que os moços de então podem ter veleidades paternais sobre aqueles que hoje lhes lançam à cara a sua mocidade insolente e bela. Foram os jovens loucos do séquito de Marinetti que romperam a muralha da China que fazia dos cinquentões os dominadores da vida, que dava hipocritamente os cinquenta anos como idade madura. Foram eles que se lançaram à batalha e romperam a muralha iníqua e fizeram adiantar a vida e gritaram que é à mocidade, bela, alegre, louca, mas ardente, que pertence a vida, que é ela que deve conduzir a vida. A mocidade é hoje, por esforço dos que já não são jovens, a idade madura. Madura paradoxalmente, como frutas magníficas, tersas, estuantes de vida e de sumo; alegria e beleza!

Do ataque à muralha da China, pugna de uma mocidade alegre e rebelde, do embate contra a mole da inercia, da mentira e da sordidez dos velhos que não queriam que ninguém fôra jovem, saíram os novos de então feridos e alquebrados. Mas romperam a muralha da China!... Se além da mocidade e da alegria teem ido à guerra em beleza, se em vez de atacar, coraçoados de gravata e colarinhos 1914, teem carregado em *maillot* 1931, tinha sido essa geração a primeira da Nova Primavera de Portugal!...

Mas pela brecha da muralha da China entrou o sol, o sol que era litargio nos quadros, métrica na poesia, gramática serôlia na prosa, ranço no jornalismo, hipocrisia na vida



social, man gosto na mulher, êsse sol que era tinta e droga e agora é sol, sol vivo, moço, alegre, ardente, que cresta de loiro a pele magnífica das mulheres dêste ano, tornando-as bronzes vivos, excelsos, desta nova Grécia rediviva, que faz viver em beleza êste sagrado e bendito 1931, primeiro ano da Nova Primavera da Raça.

Um americano, filho de russa e de francês, estranha miscelânea de raças que, pelos seus caracteres atávicos se pode considerar um sensível barómetro da beleza, da mocidade e da alegria, dizia-me êste ano, voltando a Portugal depois de um lustro de ausência: — É extravagante!... Em Lisboa já há bonitas raparigas!... Em tempos, não encontrei senão *varinas*, mas essas traziam a cara suja!

É tem razão o híbrido barómetro. A mulher portuguesa 1931 já sai à rua, já sabe vestir-se e ser bela e ser jovem e ser alegre. Redimiu-se; deixou de ser apenas, o que brutalmente podíamos chamar: a fêmea do português...

Sendo o teatro, quasi sempre, a vanguarda do ritmo a implantar na vida de cada época, olhe-se o teatro alegre e moço de Portugal. Bailarinas por todos os lados, raparigas esbeltas, flexíveis, saudáveis, alegres e moças! Um frizo decorativo que tem a beleza plástica dos gregos e o ritmo *allegro vivace* de uma obra de Cocteau ou Picabia. Um frizo sem pecado que ressurge a beleza antiga livre, sem véus e sem vício, ao som sincopado de uma página do *Pacific* de Hoemécger ou do

Bolero de Ravel. Que diferença do teatro com malhas cor de rosa e espartilhos de 1914, da opereta do Trindade e das revistas do Apolo, libidinosas e tristes, reles, velhas... para lá da muralha da China, hermética, feita de fôdo endurecido...

É êste o ano de triunfo pleno da beleza, da mocidade e da alegria, primeiro ano da Nova Primavera do Mundo. Benditos os que são jovens e belos. Em vosso louvor dedico as minhas primeiras amarguras bordadas em redor do velho motivo romântico dos primeiros cabelos brancos. Marinetti, porque me surgiste na época do sacrificio, nesse 1914, quando podias ter surgido, a guiar-me, neste triunfante e radioso ano da graça, da graça plena, de 1931!...

Agosto — 1931.

JOÃO DE SOUSA FONSECA

PALACIOS DE LISBOA

A PESAR do terramoto de 1755 haver derruído muitos edifícios que, a par da sua traça quintessentista ou já em estilo da 2.^a Renascença, vinclavam interessantes evocações históricas, não faltam em Lisboa palácios a rememorar factos da vida romântica ou acontecimentos da nossa história.

E se fôssemos, num sentido mais lato, a colher as evocações, que muitos outros sugerem, por assentarem as suas paredes sobre ruínas de velhos e históricos paços, teríamos quasi a História de Portugal apontada nos seus fastos mais importantes.

Com efeito, é largo, larguíssimo, o número de recordações que nos oferecem, de per si ou pelos locais, muitos dos edificios da actual Lisboa, desde S. Vicente de Fora, convento e câmara real, levantado por D. Afonso Henriques, e os Paços do Infante Navegador, no Pátio dos Centulinhos, do que resta uma reconstrução abandonada, até ao Palácio Real de Alcântara, no Calvário, adquirido pelo primeiro dos Felipes, residência doutros monarcas, e em cuja capela se casaram a rainha D. Maria Francisca de Saboia, descasada do destronado Afonso VI, e seu cunhado Pedro II, e ao Palácio Presidencial de Belém, a que, sobre testemunhar acontecimentos de história recente, se acha vinculada a célebre miguelista *Belemzada*.

Através os palácios de Lisboa abundam as recordações.

E que airozas evocações sugerem muitos desses palácios!

Uma história galante, um drama histórico, um enredo de romance, um facto da vida política contemporânea...

No Campo Grande, um palácio de boa arquitectura dezoitista, bem conservado, lembra Madre Paula, essa «freirinha brejeira», «em cujas veias corria o sangue crasso e ardente dum embarcadoio napolitano», mãe de bastardinhos e concubina do rei D. João V—recordam-se do capítulo «Os bispotes de pratas» do *Amor em Portugal no séc. XVIII*, de Júlio Dantas?—e sob os pesados muros do Limoeiro queda-se o célebre Paço de S. Martinho, onde o Conde Andeiro morreu às mãos do Mestre de Aviz, e viveram os filhos de D. Inês de Castro, fruto desses amores—grande desvairo—entre o rei Pedro Crí e a bela dama espanhola que conseguiu *Reinar depois de morir* na expressão sugestiva da conhecida peça teatral castelhana, e conforme a famosa e tétrica coroação de Alcobaca.



O PALÁCIO DA BEMPOSTA — (Foto Hordácio de Novais)

E na Bemposta, os chamados Paços da Rainha, por neles ter vivido os últimos anos de viuvez a rainha D. Catarina, mulher do decapitado Carlos II, de Inglaterra, referem larga tradição—o Arquiduque pertencente ao trono de Espanha, as guerras da Sucessão, D. João VI e a sua morte, D. Miguel conspirando com os seus sequazes, a *Abrilhada*, etc.—e deram enredo ao romance *O demónio de ouro* de Camilo.

Para o Poço do Bispo, o majestoso Palácio da Mitra, assinala-nos um facto de política contemporânea, a reunião dos deputados democráticos após a constituição do Governo Pimenta de Castro, e a passagem do célebre Cardeal Saraiva, que lá viveu e morreu em cheiro de pedreiro livre.

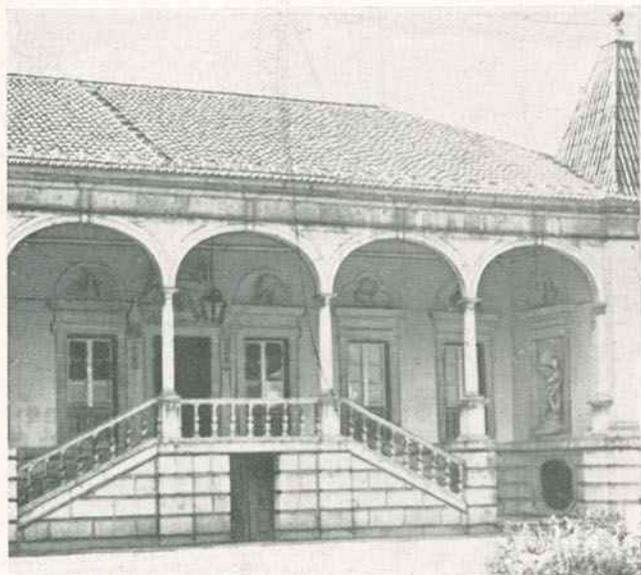
Outras muitas evocações perpassam através dos palácios lisboetas.

Quem não evoca, ao atravessar o largo de S. Domingos, em frente do Palácio dos Condes de Almada, os conjurados de 1640, e ao passar na Palhavã junto desse palácio, que é um dos mais curiosos do séc. XVII, os *Meninas da Palhavã*—D. António, D. Gaspar e D. José—cada um de sua mãe, mas filhos de rei—*Filhos de rei não têm mãe!*, exclama um sem pensar na resposta devida—e que ficaram célebres, e não vai de recordar as páginas de Rebelo da Silva na *Mocidade de D. João V?*

Mas há recordações menos vivas, mas gloriosas.



O PALÁCIO DE MADRE PAULA, NO CAMPO GRANDE — (Foto Hordácio de Novais)



O PALÁCIO DA EMBAIXADA DO BRASIL — (Foto H. Novais)

No Poço do Borratém, um remoto portal ogivado atesta a moradia de João das Regras, o sábio jurisprudente das Côrtes de 1385, e lá em baixo, perto da Alfândega, é a quinhentista Casa dos Bicos, de que resta apenas uma parte — lojas e 1.º andar — a marcar um ciclo glorioso, o do ouro da Índia, e um pitoresco espécime arquitectónico. Foi a casa da família do grande Afonso de Albuquerque.

Os palácios de Lisboa são uma larga fita de história e tradição que se vai desenrolando no écran da memória.

Na Ajuda, o mais monumental dos antigos palácios reais lembra a regência de D. Isabel Maria, D. Miguel jurando a Carta Constitucional, para depois na reunião dos Três Estados se fazer proclamar rei absoluto, e abaixo, em Belém, o do Pátio das Vacas, cheio de belos azulejos, traz à ideia o atentado contra o rei D. José, que redundou na dolorosa tragédia e extinção da família dos Aveiros e Távoras, e em erguer-se a Igreja da Memória.

Os Távoras, contudo, ficaram na tradição, e apesar de não possuir brasões e armas, outro palácio os evoca: o das Galveias, um dos mais interessantes do séc. XVII, que, por sugestão de Forestier, a Câmara acaba de restaurar.

A fita continua. Em Xabregas, o Asilo Maria Pia rememora o célebre Poço de Enxobregas, sobre o qual se acha reconstruído; a rainha D. Leonor, fundadora das Misericórdias, em quem pesa «uma monstruosa acusação», D. João III, D. Catarina, D. Sebastião, a Duquesa de Mantua, lá presa após 1640, e Gil Vicente fazendo representar o seu *Auto da Sibila Cassandra* perante D. Beatriz, mãe de D. Manuel, e a corte.

As representações de Gil Vicente são evocadas também em Santos-o-Velho pelo Palácio Marquês de Abrantes, erguido sobre o antigo Paço real de D. Mannel, e que é um grandioso edifício, «salões imensos, abobadados, de dimensões realengas, com frescos que fazem pensar nos palácios romanos».

E na mesma ordem de ideias — Gil Vicente

era, de facto, ao mesmo tempo poeta e curives? — próximo, o Palácio das Janelas Verdes, hoje Museu de Arte Antiga, guarda entre as preciosidades da nossa pintura primitiva e outras belas obras de arte, a célebre Custódia de Belém.

Há bairros cujos palácios se erguem ostentando arquitecturas interessantes e evocando curiosas recordações.

No Junqueira existe o Palácio da Condessa da Ega, ao qual ainda ligada a nossa história das invasões francesas, e que recorda essa donzela, diáfana, frágil, irreals, «ambiciosa e fútil», imitando «nas atitudes M.^{me} Recamiers», e de quem se enamorou Junot levando-a consigo para França.

No Junqueira ficam também o Palacete Visconde do Marco, característica construção dos séc. XVII e XVIII, a perdurar a figura do Principal Lazaro Leitão Aranha, o Palácio Burnay, com grande receio artístico, o da Quinta das Águas, que foi de Diogo de Mendonça Côrte Real, ministro de D. José, e adiante o Ribeira Grande, onde nasceu o ilustre dramaturgo D. João da Câmara.

Perto, em Santo, Amaro, outro palácio digno de menção: o Salgosa, «notável por ter sido teatro de acontecimentos políticos nos reinados de D. Afonso VI e D. Pedro II».

Ao redor do Chiado, nas suas visinhanças, também subsistem recordações e construções interessantes.

No prédio da «Mundial», descaracterizado na sua arquitectura, esteve a Embaixada da França no tempo do braseco Marechal Lane, e no palacete Quintela teve a sua corte Junot, celebrando-se grandes festas a que davam brilho as mulheres. Lisboa, através dos seus palácios, está cheia de recordações. Se o terramoto, e as demolições por utilidade pública, fizeram desaparecer muitos edifícios de esplêndida e curiosa arquitectura quinhentista e da 2.ª Renascença, as construções que nos ficaram de então, e os palácios pombalinos e barrocos e os do ciclo seguinte, vi e cá m sugestivos aspectos arquitectónicos e evocam curiosíssimas recordações desde os tempos medievais e a época de ouro dos descobrimentos, até ao séc. XVII, de D. João V, com as suas megalomanias de rei Sol e de Pombal, envolvendo o País, e a todo esse período que vai da ida de D. João VI para o Brasil aos dias do Passado Público focados graciosamente pelo Bga.

CRUZ CERQUEIRA.

O PALÁCIO DO MARQUÊS DA POZ



O PALÁCIO DOS CONDES DE ALMADA — (Foto H. Novais)



Crónica de cinema

A época cinematográfica anuncia-se duvidosa. Os pessimistas não escondem até o seu pensamento, que se resume nesta frase: «O cinema está em crise!»

Na última temporada, segundo as aves agourentas, esgotaram-se todos os filmes de grande classe, e não se torna possível improvisar, dum momento para o outro, obras da categoria de *A oeste nada de novo*, de *A Patrulha da alvorada*, de *Os 4 de infantaria*, de *O Milhão*, de *O caminho do Paraíso*, do *Anjo azul*, do *Rei do Jazz*, etc., etc., etc.

Além disto, o público habituou-se às super-produções e não se resigna facilmente aos filmes médios, certos, medíocres. Exige obras-primas. Não foi em vão que assistiu, durante meses seguidos à exibição de metros e metros de celulóide excepcional.

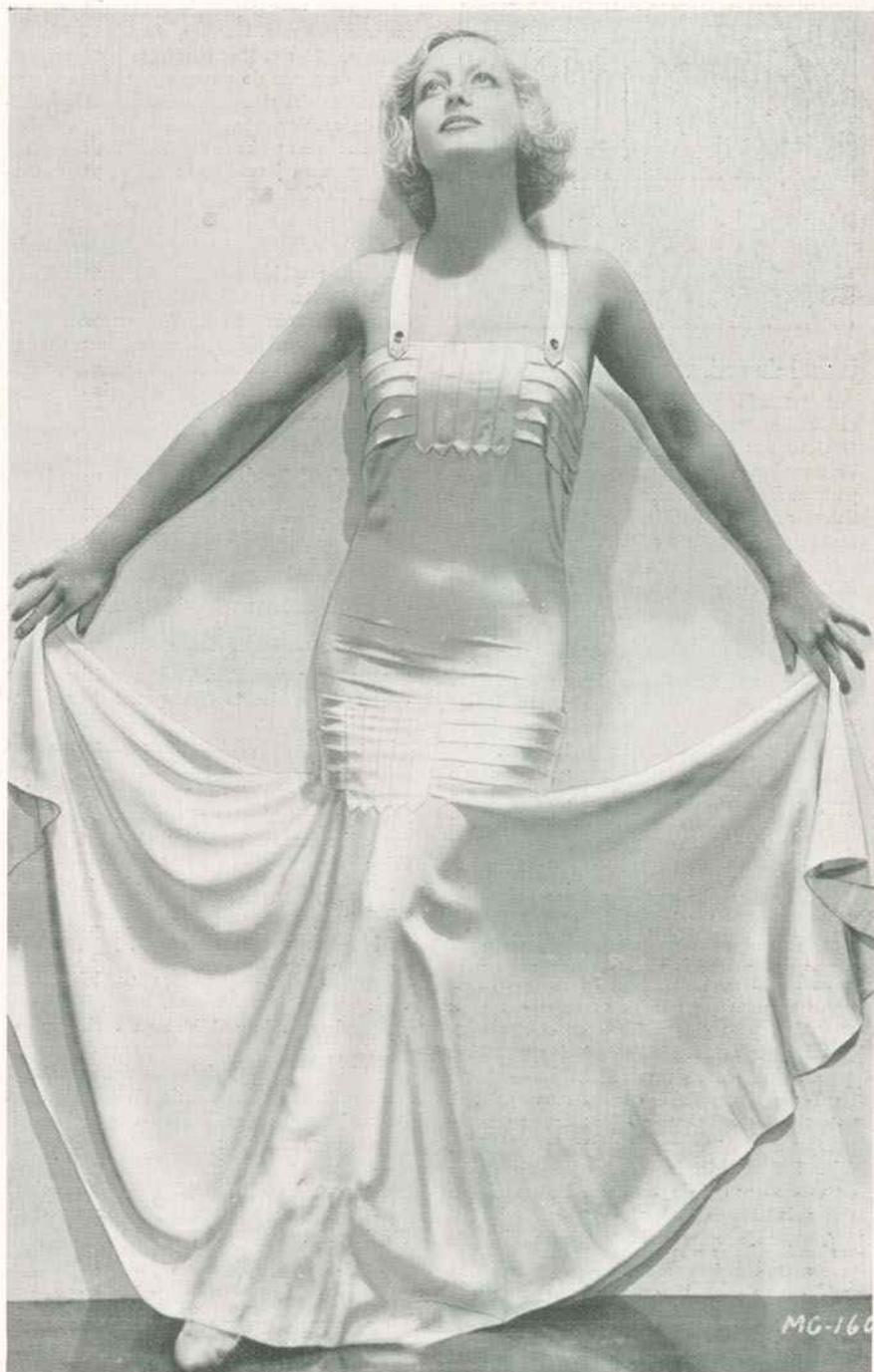
Resultado: a crise é infalível. Alguns exibidores tem até confessado, publicamente, as suas dificuldades em organizar programas, por falta de elementos. A crise é fatal!

E os pessimistas, de mãos dadas com os inimigos do cinema, esfregam as mãos de contentes, imaginando que vão assistir ao fim do fim...

*
* * *

Tôdas estas previsões me parecem exageradas e sem inteligência.

A época que se avizinha, misteriosa para alguns, não se me afigura impossível de vencer. O facto de não existir um armazem cheio de obras-primas do nível de *A oeste nada de novo*, não quiere dizer que as empresas não possuam ainda alguns filmes capazes de esgotar meses de lotação. Exemplos: *The Big House*, extraordinária película da Metro, interpretada por Wallace Beery; *The Trad Horn*, com Evelyn Booth; *Madame Satan*; os filmes de Greta Garbo; a película de Charlot, *Luzes da cidade*; *Os Anjos do Inferno*, formidável evocação das lutas aéreas da Grande Guerra, onde aparece pela primeira vez a figura loira de Jean Harlow; as comédias de Glória Swason; *O Salto Mortal* de Dupont, o genial realizador de *Variiedades*, interpretado por Gina Manès, esse ídolo bárbaro de olhos verdes; *O rei dos engraxadores*, com George Milton; os filmes



JOAN CRAWFORD, A ADMIRÁVEL ESTRELA DA M. G. M.

de Marlene Dietrich,— não contando com mais algumas fitas que ainda estão em realização nos laboratórios franceses. A película de René Clair *Vive la Liberté!*, pelo menos, deve ser um grande êxito intelectual, só comparável ao *Sob os telhados de Paris* e ao *Milhão*.

Se tôdas estas películas forem exibidas, o público não terá razões para grandes cenas de aborrecimento.

Além disto, o argumento de que os espectadores, habituados a obras-primas, não podem admitir películas de classe inferior, parece-me falso.

A história do cinema mostra-nos que o público soube sempre adaptar-se, com uma grande maleabilidade, às diversas fases de evolução do espectáculo.

Ainda últimamente, quando apareceu o fonocinema, esse facto se verificou: enquanto certos críticos combatiam os fonofilmes, o público, sem saudades dos ângulos, aprendia os foxes e as canções americanas.

De tudo isto se conclui que não vale a pena ser pessimista.

F. S.

PIRELLA FESTIVAL

Jornal da quinzena

A passada quinzena foi riquíssima em acontecimentos. Os assuntos não faltaram. O Deus dos jornalistas não se esqueceu de lhes enviar, nos últimos quinze dias, temas para variações em várias colunas, compensando-os, assim, das dificuldades passadas durante o verão, onde o calor secou os assuntos.

Felizmente, realizou-se em Portugal o V Congresso Internacional da Crítica. Houve festas, recepções, jantares, sessões de teatro, de cinema, etc., etc.

A destacar, a primeira representação da peça de Pirandello, *Um sonho... (Mas talvez não...)*, interpretada por Amélia Rey Colaço e Samwel Denis dum modo a satisfazer inteiramente o grande dramaturgo italiano.

A festa das Quinze Nações, no Casino do Estoril, marcou pela elegância. A festa em Alfama, pela sua cõr popular. A viagem a Vila Franca pelo seu carácter...

Depois realizou-se a *Semana da Uva*.

Os portugueses começaram a devorar quilos e quilos dessa fruta.

Fizeram-se conferências; escreveram-se elogios aos cachos e apareceu, finalmente, uma nova classe de indivíduos, os *uvófilos*, que usam as uvas para todos os serviços: para engordar, para emagrecer, etc., etc.

O aviador português Costa Veiga, que tãda a gente julgava perdido, foi encontrado perto da Terra Nova por um barco norueguês. A mãe de Costa Veiga, que conservou sempre a esperança, sem um momento de desânimo, foi um tema de ternura que os jornalistas não se esqueceram de aproveitar. A serenidade dos aviadores encheu várias colunas justas.

A segunda volta a Portugal em bicicleta

A 2.ª volta a Portugal, em bicicleta



UM CONCORRENTE, CANÇADÍSSIMO: — E AINDA HÁ QUEM DESCE UM PORTUGAL MAIOR!

marcou como um grande acontecimento popular e sportivo. Nicolau, o ídolo de Lisboa, ganhou. Nas ruas surgiram automóveis, cheios de gente do povo, a dar vivas.

Na Marinha Grande realizaram-se as corridas de cavalos, etc., etc....

Em resumo: chegou o Outubro, a estação ideal para os jornalistas: a Estação do Assunto.

Livros

Temos recebido na redacção muitos livros a que não temos feito as referências merecidas, em virtude de falta de espaço.

Num dos próximos números, o nosso crítico literário analizará, como merecem, todos esses livros, alguns d'êles notáveis e dignos duma crítica cuidadosa.

Uma história de Tristan Bernard

Tristan Bernard ia numa carruagem onde era proibido fumar. Mas, para se entreter durante o caminho, sem ligar importância à proibição, puxou do cachimbo, acendeu-o, poisou as mãos na barriga e tentou adormecer.

Algumas senhoras, que iam na carruagem, começaram a protestar. Tossiram. Disseram: «Parece impossível!» «Que grande pouca vergonha!» etc., etc.

Mas, Tristan continuou a fumar o seu cachimbo, indiferente e calmo.

Quando o comboio chegou a uma estação, uma das protestantes chamou um revisor e expôs-lhe o caso. O revisor, claro está, interveio:

— Nesta carruagem não se pode fumar, ex.^{mo} senhor.

— Também estas senhoras não deviam vir aqui e veem... — respondeu Tristan Bernard, tranquilamente. — Peça-lhes os bilhetes e verá.

O revisor pediu os bilhetes e verificou que aquela tribu de senhoras, a-pesar de possuírem bilhetes de 3.ª, viajavam em 2.ª classe!

As senhoras saíram, cheias de ódio, Tristan Bernard apagou o cachimbo e o revisor, intrigado, perguntou-lhe:

— Ouça lá! Como é que o senhor sabia que aquelas senhoras traziam bilhetes de terceira?

— Conheci-os pela cõr... Tinham a mesma cõr do meu.



Porque está na berlinda?

O nosso jôgo de prendas continua. É facilimo e todos os nossos leitores devem vir jogar connôco.

Durante seis números publicaremos fotos de figuras em destaque.

Os leitores que queiram concorrer (e são muitos a avaliar pelas respostas em nosso poder) devem-nos enviar, dentro dum envelope, dirigido à nossa redacção, os nomes dessas pessoas e as razões porque foram para a berlinda.

Aqueles que acertarem com os nomes e, ao mesmo tempo, nos enviarem as respostas mais espirituosas ganharão várias prendas.

Por enquanto só queremos revelar o primeiro prêmio, que é tentador e que se pode ganhar, quasi sem esforço: um exemplar do celebre romance de Júlio Denis, «As pupilas do senhor reitor», luxuosamente encadernado, illustrado com esplêndidas aguarelas de Roque Gameiro, reproduzidas em tricromia.

Editor:

FRANCISCO AMARO

Assinaturas:

R. DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 78—
Telef. 2 3132

Publicidade:

R. ANCHIETA, 25— Telef. 2 0535

Composição e impressão:

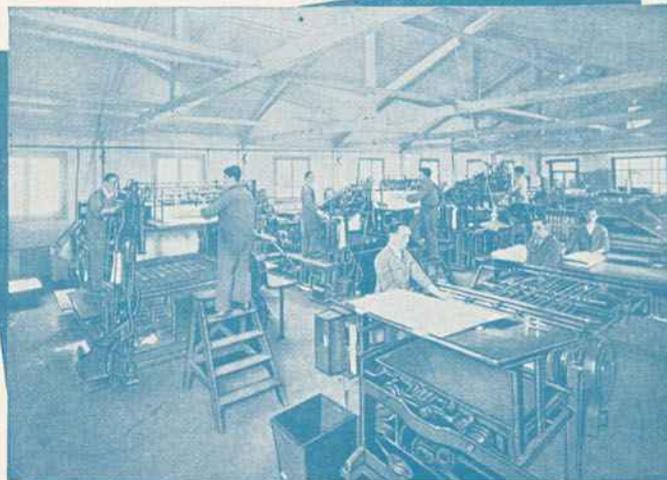
R. DA ALEGRIA, 30— Telef. 2 0537

Propriedade e edição:

LIVRARIA BERTRAND, L.^{da} e EM-
PRESA NACIONAL DE PUBLI-
CIDADE.— LISBOA

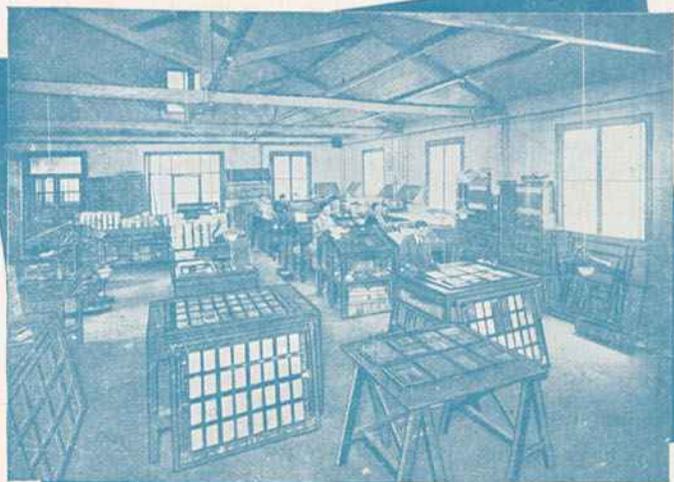
SOCIEDADE GRÁFICA EDITORIAL

TRICROMIA
DESENHO
TRABALHOS
DE GRANDE
ARTE
TRABALHOS
COMERCIAIS
INEXCEDIVEL
PERFEIÇÃO
ORÇAMENTOS
GRATIS



É NESTAS OFICINAS QUE SE IMPRIMEM TODOS OS BELOS TRABALHOS GRÁFICOS DE

ILUSTRAÇÃO, MAGAZINE BERTRAND,
O VOLANTE, HISTORIA DA LITERATURA
PORTUGUESA (ILUSTRADA), REVISTA
AERONAUTICA E ALMANACH BERTRAND



AS MAIS MODER
NAS INSTALA
ÇÕES DO PAIZ
E AQUELAS
QUE MAIOR
CAPACIDADE
DE PRODUÇÃO
POSSUEM
SECÇÃO ESPE
CIAL DE PU
BLICAÇÕES PE
RIODICAS UL
TRA RAPIDAS
COMPOSIÇÃO
MECANICA

S. A. R. L. RUA DA ALEGRIA, 30 LISBOA

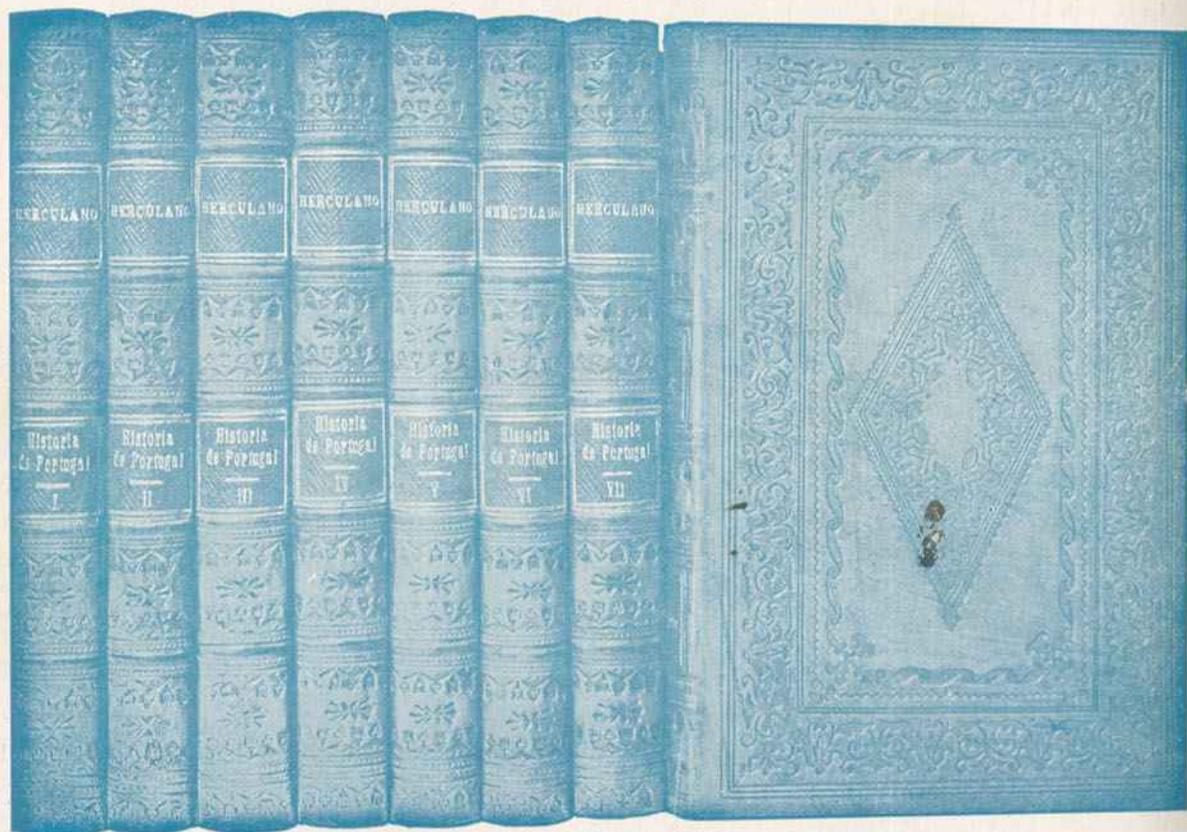
Sindona

HISTÓRIA DE PORTUGAL

POR

ALEXANDRE HERCULANO

EDIÇÃO ILUSTRADA



em 8 volumes no formato 12×18, impresso em esplêndido papel

POR ASSINATURA:

o pagamento aos tomos faculta a quem o desejar, a aquisição desta obra monumental, pouco a pouco, sem qualquer encargo pesado.

CONTINENTE E ILHAS—incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, cada volume e brochura. Esc. 12\$00

Idem encadernado em percalina com ferros especiais e letras a ouro . . . Esc. 16\$00

Idem, encadernado em carneira gra-

vada, à antiga portuguesa, com folhas pintadas, a encarnado . . . Esc. 27\$00

COLONIAS PORTUGUESAS—Pagamento adiantado—Incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, os mesmos preços do Continente e Ilhas.

OS PEDIDOS DE ASSINATURAS DEVEM SER DIRIGIDOS AOS EDITORES

LIVRARIA BERTRAND ————— 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA